

O REINO DA DIVINA VONTADE EM MEIO ÀS CRIATURAS

Livro

do

Céu

O chamado às criaturas à ordem, ao seu lugar e à finalidade para a qual foram criadas por Deus.

Volume 01

NIHIL OBSTAT

Santo Annibal M. Di Francia.
12 de Outubro de 1926

IMPRIMATUR

Excmo. Sr. Giuseppe M. Leo, Arcebispo da
diocese de Trani – Barletta – Bisceglie
16 Outubro de 1926.

Pode-se imprimir

Arcebispo de Guadalajara Jal.

23 de novembro de 2010

Mons. J. Gpe Ramiro Valdés Sánchez

Vigário Geral

fausto. ... ha soggiunto: il fiume dell'iniquità
è tanto che giunge ad impedire la redenzione
nelle anime, e la sola preghiera e queste mie
piaghe, impediscono, che questo fiume impetuoso
non se ne assorbisca tutto in sé.

Nihil obstat.
Die Decima secunda
Octobris 1926
Carionius Annibal
M. Di Francia Per. Escel.

Imprimatur
Francia. 16^{to} Octobris 1926
Joseph M. Leo

Em anexo a cópia do Nihil Obstat e do Imprimatur postos em um dos volumes.



Queremos consagrar este livro e os frutos
que possam resultar de sua leitura,
à nossa Mãe Santíssima,
a Rainha do Reino da Divina Vontade.

I. M. I.

1-1

(1) Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

(2) Por pura obediência começo a escrever.

(3) Tu sabes, ó Senhor, o sacrifício que me custa fazê-lo, e que me submeteria a mil mortes antes que escrever uma só linha das coisas que hão passado entre Tu e eu. Oh, meu Deus ! Minha natureza se estremece, se sente esmagada e quase desfeita só em pensá-lo. Ah, dá-me a força, ó Vida de minha vida, a fim de que possa cumprir a santa obediência! Tu que deste a inspiração ao confessor, dá-me a graça de poder cumprir o que me é mandado.

(4) Ó Jesus, ó Esposo, ó minha fortaleza! A Ti me dirijo, a Ti venho, em Teus braços me introduzo, me abandono, repouso. Ah, consola-me em minha aflição e não me deixes só e abandonada! Sem Tua ajuda estou certa que não terei força de cumprir esta obediência que tanto me custa, me vencerá o inimigo e temo ser repudiada justamente por Ti, por minha desobediência. Ah, olha-me e volta a olhar-me, ó Esposo santo, nestes Teus braços, olha de quantas trevas estou circundada, são tão densas que não deixam entrar nem sequer um átomo de luz em minha alma. Oh! Meu místico Sol Jesus, resplandeça esta luz em minha mente, a fim de que faça fugir as trevas e possa livremente recordar as graças que hás feito em minha alma. Ó Sol Eterno, manda outro raio de luz ao íntimo de meu coração e purifica-o da lama na qual jaz; o incendeie, o consuma em Teu amor, a fim de que ele, que mais que tudo há provado as doçuras de Teu amor, possa claramente manifestá-las a quem está obrigado. Oh! Meu Sol Jesus, manda outro raio de luz ainda sobre meus lábios para que possa dizer a pura verdade, com a única finalidade de conhecer se és verdadeiramente Tu ou bem ilusão do inimigo. Mas, ó Jesus, quão escassa de luz me vejo ainda nestes Teus braços. Ah! Contenta-me, Tu que tanto me amas, continues mandando-me luz. Oh! Meu Sol, meu belo, propriamente quero entrar no centro, a fim de ficar toda abismada nesta luz puríssima. Faz, ó Sol Divino, que esta luz me preceda à frente, me siga junto, me circunde por toda parte, se introduza nos mais íntimos recônditos de meu interior, a

fim de que consumindo meu ser terreno, o transformes todo em Teu Ser Divino.

(5) Virgem Santíssima, Mãe amável, vem em meu auxílio, obtém de Ti e de meu doce Jesus, graça e força para eu cumprir esta obediência.

(6) São José, meu amado protetor, assiste-me nesta circunstância. Arcanjo São Miguel, defende-me do inimigo infernal, que tantos obstáculos me põe na mente para fazer-me faltar a esta obediência. Arcanjo São Rafael e tu meu anjo da guarda, venham a assistir-me e a acompanhar-me, a dirigir minha mão a fim de que possa escrever só a verdade.

(7) Seja tudo para honra e glória de Deus, e a mim toda a confusão. Ó Esposo Santo, vem em minha ajuda! Ao considerar as tantas graças que hás feito para a minha alma, sinto-me toda espantada, toda cheia de confusão e vergonha ao ver-me ainda tão má e sem corresponder às tuas graças. Mas meu amável e doce Jesus, perdoa-me, não Te retires de mim, continues derramando em mim Tua graça, a fim de que possas fazer de mim um triunfo de Tua Misericórdia.

¹Todos os livros apresentados na obra “ Livro do Céu “ foram traduzidos da versão espanhola, a qual teve sua tradução diretamente do manuscrito original de Luísa Picarreta, em italiano, pelo qual esta tradução também buscou suporte. No dia 28 de fevereiro de 1899, ela recebe a ordem de seu confessor, Don Gennaro Di Gennaro, de começar a escrever conforme Jesus lhe fala, e além disso, escrever tudo o que havia passado entre eles até esse momento, assim que o livro N° 1 é o único que não foi escrito conforme Nosso Senhor lhe falava. Embora esteja em forma contínua, se distinguem vários temas muito bem definidos, mas não queremos marcá-los para não alterar a forma como o escreveu. Ao início deste livro se encontram as duas primeiras meditações da novena do Natal, as sete restantes se encontram ao final. Pelo dito anteriormente, queremos deixar a ordem que ela usou ao escrever este volume. Então, aparentemente está inacabado, mas ao final se encontram as meditações que faltam. Além disso, esta novena está colocada completa ao final do livro.

Começa sua narração aos 17 anos e só põe as duas primeiras meditações.

(8) E agora começo a novena do santo Natal. Na idade de dezessete anos, preparei-me para a festa do santo Natal, praticando diferentes atos de virtude e mortificação, honrando especialmente os nove meses que Jesus esteve no seio materno, com nove horas de meditação ao dia, referentes sempre ao mistério da Encarnação.

(9) 1º-Como por exemplo, em uma hora me punha com o pensamento no Paraíso e imaginei a Santíssima Trindade:ao Pai que mandava o Filho à Terra, ao Filho que prontamente obedecia ao Querer do Pai e ao Espírito Santo que consentia Nele.Minha mente se confundia tanto ao contemplar um mistério tão grande, um amor tão recíproco, tão igual, tão forte entre Eles e para os homens; e na ingratidão destes, especialmente a minha, que nisto eu teria ficado não uma hora, mas todo o dia, porém uma voz interior me dizia:

(10) “Basta, vem e vê outros excessos maiores de meu amor”.

(11) 2º-Então minha mente se punha no seio materno, e ficava estupefata ao considerar a Aquele Deus tão grande no Céu, e tão aniquilado, diminuído, restringido, que quase não podia mover-se, nem sequer respirar. A voz interior me dizia:

(12) “Vês quanto te amei? Ah! Dá-me um lugar em teu coração, tira tudo o que não é meu, porque assim me darás mais facilidade para poder me mover e respirar”.

(13) Meu coração se desfazia, pedia-Lhe perdão, prometia ser toda sua, desabafava em choro... no entanto, o digo para minha confusão, voltava aos habituais defeitos. Ó Jesus, quão bom hás sido com esta miserável criatura.

(14) E assim passava a segunda hora do dia, e depois, pouco a pouco o resto, que dizê-lo tudo seria enfadonho. E isso fazia às vezes de joelhos e quando era impedida de fazê-lo pela família, a fazia ainda trabalhando, porque a voz interior não me dava nem trégua nem paz se não fazia o que queria, assim que o trabalho não me era impedimento para fazer o que devia fazer. Assim passei os dias da novena, quando chegou a véspera, sentia-me mais que nunca inflamada por um insólito fervor. Estava sozinha no quarto quando se apresenta diante de mim o Menino Jesus, todo belo, sim, mas tremendo, em atitude de querer me abraçar, eu me levantei e corri para abraçá-Lo, porém no momento em que ia a estreitá-Lo desapareceu, isso se repetiu três vezes. Fiquei tão comovida e inflamada de amor, que não sei explicá-lo. Mas depois

de algum tempo não o tomei mais em conta, e não o disse a ninguém; de vez em quando caía nas acostumadas faltas. A voz interior não me deixou nunca mais, em cada coisa me repreendia, me corrigia, me animava, em uma palavra, o Senhor fez comigo como um bom pai com um filho que tende a desviar-se, e ele usa todas as diligências, os cuidados para mantê-lo no reto caminho, de modo a formar dele sua honra, sua glória, sua coroa. Mas, ó Senhor, demasiado ingrata Te hei sido.

Ensina-lhe o desapego. Desapego do mundo exterior.

(15) Depois o Divino Mestre dá princípio, põe Sua mão para desapegar meu coração de todas as criaturas, e com voz interior me dizia:

(16) “Eu sou o único que merece ser amado; olha, se tu não tiras este pequeno mundo que te rodeia, isto é, pensamentos de criaturas, imaginações, Eu não posso entrar livremente em teu coração. Este murmúrio em tua mente é impedimento para deixar-te ouvir mais clara minha voz, para derramar minhas graças e para fazer-te enamorar verdadeiramente de Mim. Promete-me ser toda minha e Eu mesmo porei mãos à obra. Tu tens razão que não podes nada, não temas, Eu farei tudo, dá-me tua vontade e isso me basta”.

(17) E isso sucedia mais frequentemente na Comunhão. Então Lhe prometia ser toda sua, pedia-Lhe perdão porque até aquele momento não havia sido, dizia-Lhe que verdadeiramente O queria amar e rogava-Lhe que não me deixasse nunca mais só sem Ele, e a voz interior continuava:

(18) “Não, não, virei junto contigo a observar todas tuas ações, movimentos e desejos”.

(19) Todo o dia O sentia sobre mim, repreendia-me de tudo, como por exemplo, se me entretinha demasiado conversando com a família de coisas indiferentes, não necessárias, a voz interior me dizia:

(20) “Estas conversas te encham a mente de coisas que não pertencem a Mim, te circundam o coração de pó, de modo que te fazem sentir débil minha Graça, não mais viva. Ah! Imita a Mim quando estava na casa de Nazaré, minha mente não se ocupava de outra coisa que da glória do Pai e da salvação das almas, minha boca não dizia outra coisa que discursos santos, com

minhas palavras buscava reparar as ofensas ao Pai, tratava de flechar os corações e atraí-los a Meu amor, e primariamente à Minha Mãe e a São José . Em uma palavra, tudo chamava a Deus, tudo se obrava por Deus e tudo a Ele se referia. Por que não poderias tu fazer o mesmo?”.

(21) Eu ficava muda, toda confusa, tratava por quanto mais podia de estar só, confessava-Lhe minha debilidade, pedia-Lhe ajuda e graça para poder fazer o que Ele queria, porque por mim mesma não sabia fazer outra coisa que o mal. Se durante o dia minha mente se ocupava em pensar em pessoas às quais eu queria, em seguida me repreendia dizendo:

(22) “Este é o bem que Me queres? Quem te há amado como Eu? Olha, se tu não terminas com isso Eu te deixo”.

(23) Às vezes me sentia dar tais e tantas reprimendas amargas, que não fazia outra coisa que chorar. Especialmente uma manhã, depois da Comunhão, deu-me uma luz tão clara sobre o grande amor que Ele me dava e sobre a volubilidade e inconstância das criaturas, que meu coração ficou tão convencido, que daí em diante já não há sido capaz de amar a nenhuma pessoa. Ensinou-me o modo de como amar as pessoas sem separar-me d’Ele, isto é, com olhar as criaturas como imagem de Deus, de modo que se recebia o bem da criatura, devia pensar que só Deus era o primeiro autor daquele bem e que se havia servido da criatura para dá-lo a mim, então meu coração se unia mais a Deus. Se recebia mortificações devia olhá-las também como instrumentos nas mãos de Deus para minha santificação. Por isso, meu coração não ficava ressentido com meu próximo. Então por este modo sucedia que eu olhava as criaturas todas em Deus, por qualquer falta que visse nelas, jamais lhes perdia a estima; se zombavam de mim, sentia-me obrigada com elas, pensando que me faziam obter novas aquisições para minha alma, se me elogiavam, recebia com desprezo esses elogios dizendo: “Hoje isso, amanhã podem me odiar, pensando em sua inconstância”. Em suma, meu coração adquiriu uma liberdade que eu mesma não sei explicar.

Purificação interior. Purificação do interior de sua alma.

Quando o Divino Mestre me libertou do mundo externo, então pôs a mão a purificar o interior, e com voz interna me dizia:

(24) “Agora temos ficado sozinhos, não há mais quem nos perturbe. Não estás agora mais feliz que antes, que devias contentar a tantos e tantos? Olha, é mais fácil agradar a um só, debes fazer de conta que Eu e tu estamos sozinhos no mundo, promete-me ser fiel e Eu verterei em ti tais e tantas graças que tu mesma ficarás maravilhada”.

(25) Logo continuou dizendo-me: “Sobre ti tenho feito grandes desígnios, sempre e quando tu corresponderes, quero fazer de ti uma perfeita imagem Minha, começando desde que nasci até que morri. Eu mesmo te ensinarei um pouco de cada vez o modo como o farás”.

(26) E sucedia assim: cada manhã, depois da Comunhão, dizia-me o que devia fazer no dia. Direi tudo brevemente, porque depois de tanto tempo é impossível dizer tudo. Não recordo bem, mas me parece que a primeira coisa que me dizia que era necessária para purificar o interior do meu coração, era o aniquilamento de mim mesma, isto é, a humildade. E continuava dizendo-me:

(27) “Olha, para fazer que Eu derrame minhas graças em teu coração, quero fazer-te compreender que por ti nada podes. Eu me resguardo muito bem daquelas almas que atribuem a elas mesmas o que fazem, querendo me fazer tantos furtos de minhas graças. Em troca, com aquelas que conhecem a si mesmas, Eu sou generoso em verter a torrentes minhas graças, sabendo muito bem que nada atribuem a elas mesmas, agradecem-Me e têm a estima que convém, vivem com contínuo temor de que se não Me correspondem posso tirar-lhes o que lhes hei dado, sabendo que não é coisa delas. Tudo ao contrário nos corações que fedem de soberba, nem sequer posso entrar em seu coração, porque inflado deles mesmos não há lugar onde Me possa colocar. As miseráveis não tomam em conta minhas graças, e vão de queda em queda até a ruína. Por isso, quero que neste dia faças contínuos atos de humildade, quero que tu estejas como uma criança envolta em panos, que não pode mover nem um pé para dar um passo, nem uma mão para agir, mas que tudo espera da mãe. Assim, tu estarás junto a Mim como uma criança, rogando-Me sempre que te assista, que te ajude, confessando-Me sempre teu nada, em suma, esperando tudo de Mim”.

(28) Então buscava fazer quanto mais podia para contentá-Lo, me diminuía, me aniquilava, e às vezes, chegava a tanto, de sentir quase desfeito meu ser, de modo que não podia agir, nem dar um

passo, nem sequer um respiro, se Ele não me sustentava. Além disso, via-me tão má, que tinha vergonha de deixar-me ver pelas pessoas, sabendo que sou a mais feia, como na realidade o sou ainda. Assim que por quanto mais podia as evitava e dizia comigo mesma: “Oh! Se soubessem como sou má, e se pudessem ver as graças que o Senhor me está fazendo, (porque eu não dizia nada a ninguém) e que eu sou sempre a mesma, oh, como me me teriam horror!”.

(29) Depois, pela manhã quando ia de novo comungar, parecia-me que ao vir Jesus a mim, fazia festa pela felicidade que sentia ao ver-me tão aniquilada, dizia-me outras coisas sobre o aniquilamento de mim mesma, mas sempre de maneira diferente da anterior. Eu creio que não uma, mas centenas de vezes me há falado, e se me houvesse falado milhares de vezes, teria sempre novos modos para falar sobre a mesma virtude. Ó Meu Divino Mestre, quão sábio és, se ao menos te houvesse correspondido.

(30) Recordo que uma manhã enquanto me falava sobre a mesma virtude, disse-me que por falta de humildade havia cometido muitos pecados, e que se eu houvesse sido humilde, me haveria tido mais próxima a Ele e não haveria feito tanto mal. Fez-me entender como era feio o pecado, a afronta que este miserável verme havia feito a Jesus Cristo, a ingratidão horrenda, a impiedade enorme, o dano que havia chegado à minha alma. Fiquei tão espantada que não sabia o que fazer para reparar, fazia algumas mortificações, pedia outras ao confessor, mas poucas me eram concedidas, assim que todas me pareciam sombras e não fazia outra coisa que pensar em meus pecados, mas sempre mais estreitada a Ele. Tinha tal temor de afastar-me d’Ele e de atuar pior que antes, que eu mesma não sei explicar. Não fazia outra coisa quando me encontrava com Ele, que dizer-Lhe a pena que sentia por O haver ofendido, pedia-Lhe sempre perdão, agradecia-Lhe porque havia sido tão bom comigo, e Lhe dizia de coração: “Olha, ó Senhor, o tempo que hei perdido, enquanto poderia haver Te amado”. Então não sabia dizer outra coisa que o grave mal que havia feito. Finalmente, um dia repreendendo-me disse:

Esquecimento das culpas.

(31) “Não quero que penses mais nisso, porque quando uma alma se há humilhado, convencida de haver feito mal e há lavado sua alma no sacramento da confissão, e está disposta a morrer antes de ofender-Me, o pensar nele é uma afronta à minha Misericórdia, é um impedimento para estreitá-la a meu Amor, porque sempre busca com sua mente envolver-se na lama passada e Me impede fazer-lhe tomar o voo para o Céu, porque sempre com aquelas ideias se encerra em si mesma, se é que busca pensar nelas. E além disso, olha, Eu não recordo mais nada, o esqueci perfeitamente; vês tu alguma sombra de rancor de minha parte?”.

(32) E eu Lhe dizia: “Não, Senhor, és tão bom”. Mas sentia romper-me o coração de ternura.

(33) E Ele: “Bem, queres levar essas coisas adiante?”

(34) E eu: “Não, não quero”.

(35) E Ele: “Pensemos em amar-nos e contentar-nos mutuamente”.

(36) Daí em diante não pensei mais nisso, fazia quanto mais podia para contentá-Lo e Lhe pedia que Ele mesmo me ensinasse o modo como devia fazer para reparar o tempo passado. E Ele me dizia:

Imitação de sua Vida. Imitação da vida de Jesus.

(37) “Estou pronto a fazer o que tu queres. Olha, a primeira coisa que disse que queria de ti era a imitação de minha Vida, assim que vejamos que coisa te falta”.

(38) “Senhor”, dizia-Lhe, “me falta tudo, não tenho nada”.

(39) “E bem”, dizia-me: “Não temas, pouco a pouco faremos tudo, Eu mesmo conheço quão débil és, mas é de Mim que deves tomar força”(Não o recordo na ordem, mas como puder direi). E agregava:

Espírito de retidão.

(40) “Quero que sejas sempre reta em teu agir, com um olho deves olhar a Mim e com o outro deves olhar o que estás fazendo. Quero que para ti as criaturas desapareçam completamente. Se recebes ordens, não vejas as pessoas, não, mas deves pensar que Eu mesmo quero que tu faças o que te é ordenado. Então, com o olho fixo em Mim não julgarás a ninguém, não olharás se a

coisa é dolorosa ou te agrada, se podes ou não podes fazê-la, fechando os olhos a tudo isso, os abrirás para olhar só a Mim, me levarás junto a ti, pensando que estou te olhando fixamente e me dirás: Senhor, só por Ti o faço, só por Ti quero agir, não mais escrava das criaturas. Assim que se caminhas, se ages, se falas, em qualquer coisa que faças, eu único fim deve ser de agradar somente a Mim. Oh! Quantos defeitos evitarás se fazes assim”.

(41) Outras vezes me dizia: “Também quero que se as pessoas te mortificam, te injuriam, te contradizem, o olhar também esteja fixo em Mim, pensando que com minha própria boca te digo: ‘Filha, sou propriamente Eu que quero que sofras isso, não as criaturas, afasta o olhar delas, mas somente Eu e tu sempre, destruas todas as demais’. Olha, quero fazer-te bela por meio desses sofrimentos, quero te enriquecer com méritos, quero trabalhar tua alma, tornar-te semelhante a Mim. Tu me darás um presente, me agradecerás afetosamente, serás agradecida com aquelas pessoas que te darão ocasião de sofrer, recompensando-as com algum benefício. Fazendo assim, caminharás reta ante a Mim, nenhuma coisa te dará mais inquietude e gozarás sempre paz”.

Espírito de mortificação.

(42) Depois de algum tempo em que tratei de exercitar-me nestas coisas, às vezes fazendo e às vezes caindo (se bem vejo claro que ainda me falta este espírito de retidão e sempre fico mais confusa pensando em tanta ingratidão minha), Jesus me falou e me fez entender a necessidade do espírito de mortificação, (se bem me recordo, em todas estas coisas que me dizia, acrescentava sempre que tudo deve ser feito por seu amor e que as virtudes mais belas, os maiores sacrifícios, se tornavam insípidos se não tinham princípio no amor). “A caridade”, me dizia, “é uma virtude que dá vida e esplendor a todas as demais, de modo que sem ela todas estão mortas e meus olhos não sentem nenhum atrativo, e não têm nenhuma força sobre meu coração. Fique então atenta e faça que tuas obras, ainda as mínimas, estejam investidas pela caridade, isto é, em Mim, Comigo e por Mim). Agora vamos diretamente à mortificação”.

(43) “Quero”, me dizia, “que todas as tuas coisas, até as necessárias, sejam feitas com espírito de sacrifício. Olha, tuas obras não podem ser reconhecidas por Mim como minhas se não têm a marca da mortificação. Assim como a moeda não é

reconhecida pelos povos se não contém em si mesma a imagem de seu rei, é desprezada e não considerada. Assim é com tuas obras, se não têm o enxerto com minha cruz não podem ter nenhum valor. Olha, agora não se trata de destruir as criaturas, mas a ti mesma, de fazer-te morrer para viver somente em Mim e de Minha própria Vida. É verdade que te custará mais que o que hás feito, mas tenha coragem, não temas, não farás tu, mas Eu que farei em ti”.

(44) Então recebia outras luzes sobre a aniquilação de mim mesma e me dizia:

(45) “Tu não és outra coisa que uma sombra, que enquanto queres buscá-la te foge, tu és nada”.

(46) Eu me sentia tão aniquilada que queria ter me escondido nos mais profundos abismos, mas me via impossibilitada de fazê-lo, sentia tal vergonha que ficava muda. Enquanto estava neste reconhecimento de meu nada, Ele me dizia:

(47) “Fique junto a Mim, apoia-te em meu braço, Eu te sustentarei com minhas mãos e tu receberás força. Tu estás cega, mas minha luz te servirá de guia. Olha, me porei à frente e tu não farás outra coisa que olhar-me para imitar-me”.

(48) Depois me dizia: “A primeira coisa que quero que mortifiques é tua vontade, aquele ‘eu’ se deve destruir em ti, quero que a tenhas sacrificada como vítima ante a Mim, para fazer que de tua vontade e da minha se forme uma só. Não estás feliz?”.

(49) “Sim, Senhor, mas dá-me a graça, porque vejo que por mim nada posso”. E Ele continuava dizendo-me:

(50) “Sim, Eu mesmo te contradirei em tudo, e às vezes por meio das criaturas”.

(51) E acontecia assim, por exemplo: se na manhã me despertava e eu não me levantava, em seguida, a voz interior me dizia: “Tu descansas, e Eu não tive outro leito que a cruz! Logo, logo, não a tanta satisfação!”.

(52) Se caminhava e minha vista ia um pouco longe, logo me repreendia: “Não quero, tua vista não a afastes de ti mais que a distância de um passo a outro, para fazer que não tropeces”.

(53) Se me encontrava no campo e via flores, árvores, me dizia: “Eu tudo criei por teu amor, tu, privas a vista deste contentamento por amor a Mim”.

(54) Ainda nas coisas mais inocentes e santas, como por exemplo os ornamentos dos altares, as procissões, me dizia: “Não debes ter outro prazer que em Mim somente”.

(55) Enquanto trabalhava, se estava sentada, me dizia: “Estás demasiado cômoda. Não te lembras que minha Vida foi um contínuo sofrer? E tu? E tu?”.

(56) Em seguida, para contentá-lo me sentava na metade da cadeira e a outra metade a deixava vazia, e algumas vezes brincando Lhe dizia: “Olha, ó Senhor, a metade da cadeira está vazia, vem sentar-se junto a mim”. Alguma vez parecia que me contentava e sentia tanto gosto que eu mesma não sei dizê-lo. Algumas vezes que estava trabalhando com lentidão e sem vontade me dizia: “Logo, apressa-te, que o tempo que ganharás apressando-te, virás a passá-lo Comigo em oração”.

(57) Às vezes, Ele mesmo me indicava quanto trabalho devia fazer. Eu Lhe pedia que viesse ajudar-me, “sim, sim”, me respondia, “o faremos juntos a fim de que depois de terminado, fiquemos mais livres”. E sucedia que em uma hora ou duas fazia o que devia fazer em todo o dia, depois ia fazer oração e me dava tantas luzes e me dizia tantas coisas, que querer dizê-las seria muito extenso. Recordo que enquanto estava sozinha trabalhando via que o fio não era suficiente para realizar aquele trabalho e que teria necessidade de ir à família para buscá-lo. Então me dirigia a Ele e Lhe dizia: “Em que se aproveita meu Amado haver-me ajudado, pois agora vejo que tenho necessidade de ir à família e posso encontrar pessoas que me impedirão vir de novo, e então nossa conversação terminará”. “Quê, quê”, me dizia, “e tu tens fé?” “Sim”. “Pois não temas, te farei terminar tudo”. E assim sucedia, e logo me punha a rezar.

(58) Se chegava a hora da comida e comia alguma coisa agradável, de repente me repreendia internamente dizendo: “Talvez tenhas esquecido que Eu não tive outro gosto que sofrer por teu amor, e que tu não deves ter outro gosto que o mortificar-te por meu Amor? Deixa-o e come o que não te agrada”. E eu em seguida o tomava e levava à pessoa que ajudava no serviço, ou bem dizia que já não queria, e muitas vezes a passava quase em jejum, mas quando eu ia para a oração recebia tanta força e sentia tal saciedade, que sentia náusea de todo o demais.

(59) Outras vezes para contradizer-me, se não tinha vontade de comer, me dizia: “Quero que comas por meu Amor, e enquanto o alimento se une ao corpo, pede-me que meu Amor se una com tua alma e ficarão santificadas todas as coisas”.

(60) Em uma palavra, sem ir mais longe, ainda nas menores coisas tratava de fazer morrer minha vontade, para fazer que vivesse só para Ele. Permitia que até o confessor me contradissesse, como por exemplo: sentia um grande desejo de

receber a Comunhão, em todo o dia e à noite não fazia outra coisa que me preparar. Meus olhos não podiam se fechar para dormir, pelos contínuos batimentos do coração, e lhe dizia: “Senhor, apressa-Te porque não posso estar sem Ti, acelera as horas, faz que surja logo o Sol porque eu não posso mais, meu coração desfalece”. Ele mesmo me fazia certos convites amorosos com os quais me sentia despedaçar o coração, dizia-me: “Olha, eu estou só, não sintas pena se não podes dormir, se trata de fazer companhia a teu Deus, a teu Esposo, a teu Tudo, que é continuamente ofendido. Ah! Não me negues este consolo, que depois em tuas aflições, Eu não te deixarei”. Enquanto estava com estas disposições, pela manhã ia com o confessor e sem saber porque, a primeira coisa que me dizia era: “Não quero que recebas a Comunhão”. Digo a verdade, que foi tão amargo para mim, que às vezes não fazia outra coisa que chorar. Ao confessor não me atrevia a dizer nada, porque assim queria Jesus que eu fizesse, de outra maneira me repreendia. Mas eu ia com Ele e lhe dizia meu sofrimento: “Ah, meu Bem, é para isso a vigília que temos feito esta noite, que depois de tanto esperar e desejar, devia ficar privada de Ti? Sei bem que devo obedecer, mas diz-me, posso estar sem Ti? Quem me dará a força? E também, como terei a coragem de sair desta igreja sem levar-Te comigo? Eu não sei o que fazer, mas Tu podes remediar a tudo”. Enquanto assim desabafava, sentia vir um fogo junto a mim, entrar uma chama no coração e o sentia dentro de mim, e em seguida me dizia: “Acalma-te,acalma-te, eis-me aqui, já estou em teu coração, o que temes agora? Não te aflijas mais, Eu mesmo quero te enxugar as lágrimas, tens razão, tu não podias estar sem Mim, não é verdade?”.

(61) Eu então ficava tão aniquilada em mim mesma por isso, e lhe dizia que se eu fosse boa, Ele não haveria disposto assim, e lhe pedia que não me deixasse mais, que sem Ele não queria estar.

(62) Depois dessas coisas, um dia, depois da Comunhão O sentia em mim todo amor e que me amava tanto, que eu mesma ficava maravilhada, porque me via tão má e sem corresponder, e dizia comigo mesma: “Se ao menos fosse boa e lhe correspondesse, tenho medo que me deixe(estre temor de que me deixe o tive sempre e ainda o tenho, e às vezes é tanta a dor que sinto, que creio que a dor da morte seria menor, e se Ele mesmo não vem acalmar-me não sei ter paz), e em vez disso, quer estreitar-se mais intimamente a mim”. E enquanto assim O sentia dentro de mim, com voz interior me disse:

Meditação da Paixão de Nosso Senhor.

(63) “Minha amada, as coisas passadas não têm sido mais que um preparativo, agora quero vir aos fatos, e para dispor teu coração para fazer o que quero de ti, isto é, a imitação de minha Vida, quero que entres no mar imenso de Minha Paixão, e quando tiveres compreendido bem a acerbidade de minhas penas, o amor com o qual as sofri, quem sou Eu que tanto sofri, e quem és tu, vilíssima criatura, ah, teu coração não ousará opor-se aos golpes, à cruz que Eu, só por teu bem, tenho te preparado. Mas bem, só em pensar que Eu, teu Mestre, hei sofrido tanto, tuas dores parecerão sombras comparadas com as minhas, o sofrer te será doce e chegarás a não poder estar sem sofrimentos”.

(64) Minha natureza tremia só ao pensar nos sofrimentos, lhe pedia que Ele mesmo me desse a força, porque sem Ele me haveria servido de seus próprios dons para ofender ao Doador. Então me pus toda a meditar a Paixão, e isso fez tanto bem à minha alma, que creio que todo o bem me há vindo desta fonte. Via a Paixão de Jesus Cristo como um mar imenso de luz, que com seus inumeráveis raios me feriam toda, isto é, raios de paciência, de humildade, de obediência e de tantas outras virtudes. Via-me toda rodeada por esta luz, e ficava aniquilada ao ver-me tão dessemelhante d’Ele. Aqueles raios que me inundavam eram para mim outras tantas reprovações que me diziam:

(65) “Um Deus paciente, e tu? Um Deus humilde e submetido até a seus próprios inimigos, e tu? Um Deus que sofre tanto por teu amor, e teus sofrimentos por Seu amor, onde estão?”.

(66) Às vezes, Ele mesmo me narrava as penas sofridas por Ele, e ficava tão comovida que chorava amargamente. Um dia, enquanto trabalhava, estava considerando as penas acerbíssimas que sofreu meu bom Jesus, sentia o meu coração tão oprimido pela dor, que me faltava a respiração. Temendo que me acontecesse algo, quis distrair-me olhando para a varanda, olhei para a rua, mas, que vejo? Vejo a rua cheia de gente, e no meio a meu amante Jesus com a cruz sobre seus ombros; quem o empurrava por um lado e quem por outro, todo agitado, com o rosto pingando sangue, que levantava os olhos para mim em atitude de pedir-me ajuda. Quem poderá dizer a dor que senti, a impressão que fez sobre minha alma uma cena tão lamentável? Rapidamente entrei em meu quarto, eu mesma não sabia onde

me encontrava, sentia o meu coração despedaçar pela dor, gritava e chorando lhe dizia: “Meu Jesus, se ao menos pudesse te ajudar, pudesse te libertar desses lobos tão enfurecidos! Oh! Ao menos quisera sofrer essas penas em teu lugar, para dar alívio à minha dor. Ah, meu Bem, dá-me o sofrer, porque não é justo que Tu sofras tanto e eu, pecadora, esteja sem sofrer”.

Desejo de sofrer.

(67) Desde então, recordo que se acendeu em mim tanto desejo de sofrer, que não se há apagado até agora. Recordo também que depois da Comunhão, lhe pedia ardentemente que me concedesse o sofrer, e Ele, às vezes para contentar-me, parecia que tomava os espinhos de sua coroa e os cravava em meu coração. Outras vezes sentia que tomava meu coração entre suas mãos e o segurava tão forte, que pela dor perdia os sentidos. Quando percebia que as pessoas poderiam se dar conta de algo e a Ele disposto a me dar estas penas, logo lhe dizia: “Senhor, que fazes? Peço-Te que me dês o sofrer, mas que ninguém se dê conta”. Durante algum tempo me contentou, mas meus pecados me fizeram indigna de sofrer ocultamente, sem que ninguém se desse conta.

(68) Recordo que muitas vezes, depois da Comunhão me dizia: “Não poderás verdadeiramente assemelhar-te a Mim, senão por meio dos sofrimentos. Até agora estive junto a ti, agora quero deixar-te sozinha um pouco, sem fazer-me sentir. Olha, até agora te hei levado pela mão, te ensinando e te corrigindo em tudo, e tu não hás feito outra coisa que seguir-me. Agora quero que faças por ti mesma, porém mais atenta que antes, pensando que estou te olhando fixamente, mas sem fazer-me sentir, e quando voltar a fazer-me sentir virei, ou para premiar-te se me hás sido fiel, ou para castigar-te se hás sido ingrata”.

(69) Ficava tão espantada e abatida por esta notícia, que lhe dizia: “Senhor, meu tudo e minha vida, como poderei subsistir sem Ti, quem me dará a força? Como, depois que me hás feito deixar tudo, de modo que sinto como se ninguém existisse para mim, me queres deixar só e abandonada? O quê, te hás talvez esquecido quão má eu sou, e que sem Ti nada posso?”. E por esta recriminação, tomando um aspecto mais sério, agregava:

(70) “É que te quero fazer compreender bem quem és tu. Olha, o faço por teu bem, não te entristeças, quero preparar teu coração

a receber as graças que hei esboçado sobre ti. Até agora te hei assistido sensivelmente, agora será menos sensível, te farei tocar com a mão teu nada, te cimentarei bem na profunda humildade para poder edificar sobre ti muros altíssimos, assim que em vez de afligir-te, deverias alegrar-te e agradecer-me, pois quanto mais cedo te faça passar o mar tempestuoso, tanto mais cedo chegarás a porto seguro. A quantas provas mais duras te sujeitarei, tantas graças maiores te darei. Assim que, ânimo, ânimo, e depois logo virei”.

(71) E ao dizer-me isso parecia que me abençoava e se foi. Quem poderá dizer a dor que sentia, o vazio que deixava em meu interior, as amargas lágrimas que derramei? No entanto, me resignei à Sua Santa Vontade, parecia que de longe lhe beijava a mão que me havia abençoado dizendo-lhe: “Adeus, ó Esposo Santo, adeus”. Via que tudo para mim havia terminado, já que só tinha a Ele, e faltando-me Ele, não me restava nenhuma outra consolação, mas que tudo se convertia em amarguíssimas penas. Pelo contrário, as criaturas me intensificavam a dor, de modo que todas as coisas que via, parecia que me diziam: “Olha, somos obras de teu Amado, e Ele, onde está?”. Se olhava água, fogo, flores até as próprias pedras, em seguida o pensamento me dizia: “Ah, estas são obras de teu Esposo. Elas têm o bem de vê-Lo e tu não O vêes. Ah! Obras de meu Senhor, deem-me notícias, digam-me, onde se encontra? Disse-me que logo voltaria, mas quem sabe quando”.

(72) Às vezes chegava a tão amarga desolação, que sentia me faltar a respiração, me sentia gelar toda, e sentia um calafrio por toda minha pessoa. Às vezes, a família percebia e o atribuíam a algum mal físico e queriam por-me em tratamento, chamar a médicos. Às vezes insistiam tanto que o logravam, mas eu, no entanto, fazia quanto mais podia para ficar só, assim que poucas vezes o percebiam. Recordava também todas as graças, as palavras, as correções, as repreensões, via claramente que tudo feito até aqui, tudo, tudo havia sido obra de sua graça, e que de mim não havia nada mais que o puro nada e a inclinação ao mal. Tocava com a mão que sem Ele não sentia mais o amor tão sensível, aquelas luzes tão claras na meditação, de modo que permanecia até duas ou três horas, fazia quanto mais podia por fazer o que fazia quando o sentia, porque ouvia aquelas palavras: “Se me és fiel virei para premiar-te, se ingrata para castigar-te”.

(73) Assim passava às vezes dois dias, às vezes quatro, mais ou menos como a Ele lhe agradava, meu único consolo era

recebê-lo no Sacramento. Ah, sim, certamente, lá O encontrava, não podia duvidar, e recorro que poucas vezes não se fazia ouvir, porque tanto Lhe pedia e voltava a pedir e O importunava, que me contentava, porém não amoroso e amável, mas severo.

(74) Depois que passava aqueles dias naquele estado descrito acima, especialmente se Lhe havia sido fiel, O sentia regressar dentro de mim, me falava mais claramente, e como nos dias passados não havia podido conceber dentro de mim nenhuma palavra, nem ouvir nada, então entendi que não era minha fantasia, como muitas vezes o pensava antes, tanto que do que foi dito até agora não dizia nada nem ao confessor, nem a nenhuma outra alma vivente. No entanto, fazia quanto mais podia para correspondê-Lo, porque de outra maneira me fazia tanta guerra que não tinha paz. Ah Senhor, hás sido tão bom comigo, e eu tão má ainda!

Modo de triunfar nas provas.

(75) Seguindo o que havia começado, O sentia dentro de mim, O abraçava, O segurava, dizia-Lhe: “Amado Bem, olha quão amarga me há resultado nossa separação”. E Ele me dizia:

(76) “É nada o que hás passado, prepara-te para provas mais duras. Por isso vim, para dispor teu coração e fortalecê-lo. Agora me dirás tudo o que hás passado, tuas dúvidas e temores, todas tuas dificuldades, para poder te ensinar o modo como comportar-te em minha ausência”.

(77) Então Lhe fazia a narração de minhas penas dizendo-Lhe: “Senhor, olha, sem Ti não pude fazer nada bem, a meditação a hei feito toda distraída, feia, tanto que não tinha ânimo de oferecê-la a Ti. Na Comunhão não pude estar as horas inteiras como quando Te sentia, me via só, não tinha com quem entender-me, me sentia toda vazia, a pena de tua ausência me fazia provar agonias mortais, minha natureza queria se apressar logo para fugir dessa pena, muito mais que me parecia que não fazia outra coisa que perder o tempo, e o temor de que ao regressar Tu me castigasses por não haver sido fiel, então não sabia o que fazer. Além disso, a dor porque Tu és continuamente ofendido, e que eu não sabendo quando, como antes me ensinavas fazer esses atos de reparação, essas visitas ao Santíssimo Sacramento pelas ofensas que Tu recebes. Então diz-me, como devo fazer?”. E Ele, instruindo-me benignamente me dizia:

(78) 1º-“Hás feito mal ao estar tão turbada, não sabes tu que Eu sou Espírito de paz? E a primeira coisa que te recomendo é não perturbar a paz do coração. Quando na oração não podes recolher-te, não quero que penses nisto ou naquilo, como é ou como não é, fazendo assim tu mesma chamas a distração. Mas bem, quando te encontres nesse estado, a primeira coisa é que te humilhes, confessando-te merecedora dessas penas, pondo-te como um humilde cordeirinho nas mãos do verdugo, que enquanto o mata lhe lambe as mãos. Assim tu, enquanto te vês golpeada, abatida, sozinha, te resignarás às minhas santas disposições, me agradecerás de todo coração, beijarás a mão que te golpeia, reconhecendo-te indigna dessas penas. Depois me oferecerás aquelas amarguras, angústias e tédios, pedindo-Me que os aceite como um sacrifício de louvor ou satisfação por tuas culpas, de reparação pelas ofensas que me fazem. Fazendo assim, tua oração subirá ante meu trono como incenso muito perfumado, ferirá meu Coração e atrairá sobre ti novas graças e novos carismas. O demônio vendo-te humilde e resignada, toda abismada em teu nada, não terá força de aproximar-se. Eis aqui que onde tu acreditavas perder, farás grandes aquisições”.

(79) 2º- “A respeito da Comunhão, não quero que te aflijas porque não sabes estar, deves saber que é uma sombra das penas que sofri no Getsemani. Que será quando te fizer partícipe dos flagelos, dos espinhos e dos pregos? O pensamento das penas maiores te fará sofrer com mais ânimo as penas menores, portanto, quando na Comunhão te encontrares só, agonizante, pensas que te quero um pouco em minha companhia na agonia do horto. Portanto, põe-te junto a Mim e faz uma comparação entre tuas penas e as minhas, olha, tu só e privada de Mim, e Eu também só, abandonado por meus mais fiéis amigos que estão adormecidos, deixado sozinho até por meu Divino Pai, e além disso, em meio de penas acerbíssimas, rodeado de serpentes, de víboras e de cães enfurecidos, os quais eram os pecados dos homens, e onde estavam também os teus, que faziam sua parte, que me parecia que me queriam devorar vivo. Meu Coração sentiu tanta opressão, que o senti como se estivesse debaixo de uma prensa, tanto que suei sangue vivo. Diz-me, tu hás chegado a sofrer tanto? Então, quando te encontrares privada de Mim, afligida, vazia de todo consolo, cheia de tristezas, de preocupações, de dores, vem junto a Mim, limpa-me esse sangue, oferece-me essas penas como alívio de minha amarguíssima agonia. Fazendo assim, encontrarás o modo de entreter-te comigo depois da Comunhão. Não que não sofras, porque a pena

mais amarga que posso dar a minhas almas queridas é o privá-las de Mim, mas tu, pensando que com teu sofrer me dás consolo, estarás feliz”.

(80) 3º- “Quanto às visitas e atos de reparação, tu deves saber que tudo o que fiz no curso dos trinta e três anos, desde que nasci até quando morri, o continuo no Sacramento do altar, por isso quero que me visites trinta e três vezes ao dia, honrando todos os meus anos e unindo-te Comigo no Sacramento, com Minhas próprias intenções, isto é, de reparação, de adoração. Isso o farás em todos os momentos do dia: o primeiro pensamento da manhã de imediato voe ante o sacrário onde estou por teu amor, e me visites, o último pensamento da tarde, enquanto dormes pela noite, antes e depois de comer, ao princípio de cada ação tua, caminhando, trabalhando”.

(81) Enquanto assim me dizia, sentia-me toda confusa, e não sabendo se conseguiria fazê-lo lhe disse: “Senhor, te peço que estejas junto a mim até que tenha o costume de fazê-lo, porque sei que Contigo tudo posso, mas sem Ti, que posso fazer eu, miserável?”. E Ele benignamente agregava:

(82) “Sim, sim, te contentarei, quando te hei faltado? Quero tua boa vontade, e qualquer ajuda que quiseses te darei”.

(83) E assim o fazia. Depois que tinha passado algum tempo, às vezes com Ele, às vezes privada d’Ele, um dia, depois da Comunhão, me senti mais intimamente unida a Ele, me fazia várias perguntas, como por exemplo: se O queria, se estava disposta a fazer o que Ele queria, até o sacrifício da vida por Seu amor, e me dizia:

(84) “E tu, diz-me que queres, se tu estás pronta a fazer o que quero, também Eu farei o que queiras tu”.

A quer purificar de todo mínimo defeito. Modo como a purifica de tudo.

(85) Eu me sentia toda confusa, não compreendia seu modo de agir, mas com o tempo hei entendido que esse modo de agir o usa quando quer dispor a alma a novas e mais pesadas cruces, e a sabe atrair tanto a Ele com estas estratagemas, que a alma não se atreve a opor-se ao que Ele quer. Então lhe dizia: “Sim, te amo, mas diz-me Tu mesmo, posso encontrar objeto mais belo, mais santo, mais amável que Tu? Além disso, por que me perguntas se estou disposta a fazer o que queres, se desde há tanto tempo te

entreguei minha vontade e te pedi que não evitasses nem mesmo fazer-me em pedaços, contanto que te pudesse dar gosto? Eu me abandono em Ti, Ó Esposo Santo, age livremente, faz de mim o que queres, dá-me tua Graça, pois por mim nada sou e nada posso”. E Ele me dizia:

(86) “Verdadeiramente estás disposta a tudo que quero?”.

(87) Eu então me sentia mais confusa e atordoada, e dizia: “Sim, estou disposta”, mas quase tremendo, e Ele compadecendo-se de mim seguia dizendo: “Não temas, serei tua força, não sofrerás tu, mas serei Eu quem sofrerá e combaterá em ti. Olha, quero purificar tua alma de todo mínimo defeito que pudera impedir meu Amor em ti, quero provar tua fidelidade, mas como posso ver se isso é verdade, senão te colocando no meio da batalha? Deves saber que quero te colocar no meio dos demônios, lhes darei liberdade de atormentar-te e de tentar-te a fim de que quando tiveres combatido os vícios com as virtudes opostas, te encontrarás já em posse dessas mesmas virtudes que acreditavas perder, e depois, tua alma purificada, embelezada, enriquecida, será como um rei que regressa vencedor de uma ferocíssima guerra, que enquanto acreditava perder o que tinha, volta em vez disso, mais glorioso e cheio de imensas riquezas. E então virei Eu, formarei em ti minha morada, e estaremos sempre juntos. É verdade que será doloroso teu estado, os demônios não te darão paz, nem de dia nem de noite, estarão sempre em ato de fazer-te ferocíssima guerra, mas tu tens sempre no olhar o que quero fazer de ti, isto é, fazer-te semelhante a Mim, e que não poderás chegar a isto, senão por meio de muitas e grandes tribulações, e assim terás mais ânimo para suportar as penas”.

(88) Quem pode dizer como fiquei assustada diante de tal anúncio? Senti gelar-me o sangue, eriçar os cabelos e minha imaginação ficou cheia de negros espectros que parecia que me queriam devorar viva. Parecia-me que o Senhor, antes de pôr-me neste estado doloroso, dava liberdade a tudo o que eu devia sofrer, e me via rodeada por tudo isso. Então me dirigi a Ele e lhe disse: “Senhor, tem piedade de mim! Ah, não me deixes só e abandonada, vejo que é tanta a raiva dos demônios, que não deixarão de mim nem sequer o pó, como poderei resisti-los? Para Ti é bem conhecida minha miséria e quão má eu sou, por isso, dá-me nova graça para não te ofender. Meu Senhor, a pena que mais desgarrar minha alma, é ver que também Tu deves deixar-me. Ah, a quem poderei dizer alguma palavra, quem deve me ensinar? Mas seja feita sempre Tua Vontade, bendigo teu Santo Querer”. E Ele benignamente continuou dizendo-me:

(89) “Não te aflijas tanto, debes saber que jamais permitirei que te tentem além de tuas forças, se isto o permito é para teu bem, jamais ponho as almas na batalha para fazer que pereçam, primeiro meço suas forças, lhes dou minha graça e depois as introduzo, e se alguma alma se precipita, é porque não se mantém unida a Mim com a oração. Não sentindo mais a sensibilidade de meu Amor, vão mendigando amor das criaturas, enquanto que só Eu posso saciar o coração humano. Não se deixam guiar pelo caminho seguro da obediência, crendo mais no juízo próprio do que em quem as guia em meu lugar, então, que surpreende se se precipitam? Por isso, o que te recomendo é a oração, embora devas sofrer dores de morte, jamais debes descuidar o que costumavas fazer; além disso, quanto mais te vejas no precipício, tanto mais invocarás a ajuda de quem pode te liberar. Além disso, quero que te ponhas cegamente nas mãos do confessor, sem examinar o que te é dito. Tu estarás circundada de trevas e serás como alguém que não tem olhos e que necessita de uma mão que o guie, o olho para ti será a voz do confessor, que como luz te iluminará as trevas, a mão será a obediência que te será guia e sustento para fazer-te chegar a porto seguro. A última coisa que te recomendo é a coragem, quero que com intrepidez entres na batalha, a coisa que mais faz temer a um exército inimigo é ver a coragem, a fortaleza, o modo com o qual desafiam os mais perigosos combates, sem temer nada. Assim são os demônios, nada temem mais que a uma alma corajosa, toda apoiada em Mim, que com ânimo forte vai em meio a eles não para ser ferida, mas com a resolução de feri-los e exterminá-los. Os demônios ficam espantados, aterrorizados e gostariam de fugir, mas não podem, porque atados por Minha Vontade, estão obrigados a ficar para seu maior tormento. Assim, que não temas a eles, que nada podem fazer-te sem Meu Querer. Se além disso, quando vires que não podes resistir mais e estejas a ponto de desfalecer, se me és fiel, imediatamente virei e porei a todos em fuga e te darei graça e fortaleza. Ânimo, ânimo!”.

Peleja com o demônio.

(90) Agora, quem pode dizer a mudança que sucedeu em meu interior? Tudo era horror para mim, aquele amor que antes sentia em mim, agora o via convertido em ódio atroz, que pena não poder amá-Lo mais. Desgarrava-me a alma pensar naquele Senhor que havia sido tão bom comigo, e agora ver-me obrigada a

aborrecê-Lo, a blasfemá-Lo como se fosse o mais cruel inimigo, o não poder vê-Lo nem sequer em suas imagens, porque aos vê-las, ao ter rosários entre as mãos, ao beijá-los, me vinham tais ímpetos de ódio, e tanta força contra, que fazê-lo e reduzi-los em pedaços era o mesmo, e às vezes fazia tanta resistência, que minha natureza tremia dos pés à cabeça. Ó Deus, que pena amarguíssima! Eu creio que se no inferno não houvesse outras penas, só a pena de não poder amar a Deus formaria o inferno mais horrível. Muitas vezes o demônio me punha diante as graças que o Senhor me havia feito, ora como um trabalho de minha fantasia, e por isso poderia levar uma vida mais livre, mais cômoda; e ora como verdadeiras, e me diziam: "Isto é o bem que te queria? Esta é a recompensa, que te tenha deixado em nossas mãos, és nossa, és nossa! Para ti tudo há terminado, não há mais o que esperar". E em meu interior sentia que punha tais ímpetos de aversão contra o Senhor e de desespero, que algumas vezes tendo alguma imagem entre as mãos, era tanta a força do desprezo que as quebrava, mas enquanto isso fazia, chorava e as beijava, porém não sei dizer como era obrigada a fazê-lo. Quem pode dizer a laceração de minha alma? Os demônios faziam festa e riam, uns faziam ruídos de um lugar, outros o faziam de outro, uns faziam estrépitos, outros me ensurdeciam com gritos dizendo: "Veja como és nossa, não nos resta outra coisa mais que levar-te ao inferno, alma e corpo, verás que o faremos". Às vezes me sentia puxar, ora as vestes, ora a cadeira onde estava ajoelhada, e tanto a moviam e faziam ruído que não podia rezar. Às vezes era tanto o temor que acreditando livrar-me ia me deitar na cama, (porque esses escândalos sucediam a maior parte na noite), mas também ali seguiam puxando a almofada, os cobertores. Mas quem pode dizer o espanto, o temor que sentia? Eu mesma não sabia onde me encontrava, se na Terra ou no inferno. Era tanto o temor que verdadeiramente me levassem, que meus olhos não conseguiam se fechar para dormir. Estava como alguém que tem um cruel inimigo que há jurado que a qualquer custo lhe deve tirar a vida, e acreditava que isso me aconteceria enquanto fechasse os olhos, de modo que estava obrigada a tê-los abertos para ver quando deviam me levar. Talvez poderia opor-me ao que queriam fazer, então me sentia eriçar os cabelos sobre minha cabeça um por um, um suor frio em todo meu corpo que me penetrava até os ossos e me sentia separar os nervos e os ossos, e se agitavam todos pelo medo. Outras vezes me sentia incitar a tais tentações de desespero e de suicídio, que alguma vez havendo me encontrado perto de um poço, ou bem de uma

faca, me sentia puxar para levar-me para dentro ou tomar a faca e me matar, e era tanta a força que devia fazer para fugir, que sentia dores de morte, e enquanto fugia, sentia que iam junto comigo e ouvia sugerir-me que para mim era inútil viver depois de haver cometido tantos pecados, que Deus me havia abandonado porque não havia sido fiel. Além disso, via que havia feito tantas infâmias, que jamais alma alguma no mundo havia cometido, que para mim não havia mais misericórdia a esperar. No fundo de minha alma ouvia repetir: “Como podes viver sendo inimiga de Deus? Tu sabes quem é esse Deus a quem tanto hás ultrajado, blasfemado, odiado? Ah, é esse Deus imenso que por todas as partes te circundava, e tu ante seus olhos hás te atrevido a ofendê-Lo. Ah, perdido o Deus de tua alma, quem te dará paz? Quem te livrará de tantos inimigos?”. Era tanta a dor, que não fazia outra coisa que chorar. Às vezes me punha a rezar, e os demônios para acrescentar meu tormento, os sentia vir em cima de mim, e quem me golpeava, quem me picava, e quem me sufocava a garganta. Recordo que uma vez enquanto rezava, me senti puxar os pés do chão, abrir-se a terra e sair as chamas, e que eu caía dentro. Foi tal o espanto e a dor, que fiquei meio morta, tanto que para me recuperar daquele estado veio Jesus Cristo e me reanimou, me fez entender que não era verdade que havia posto a vontade em ofendê-Lo, e que eu mesma o podia saber pela pena amarguíssima que sentia, que o demônio era um mentiroso e que não devia fazer-lhe caso, que por hora devia ter paciência em sofrer estas moléstias, e que depois devia vir a paz. Isso sucedia de vez em quando, quando chegava aos extremos, e às vezes para pôr-me em mais duros tormentos. No momento deste consolo a alma se convencia, porque ante esta luz é impossível que a alma não aprenda a verdade, mas depois quando me encontrava na luta me encontrava no mesmo estado de antes.

(91) Tentava-me também a não receber a Comunhão, persuadindo-me de que depois que havia cometido tantos pecados, era um atrevimento aproximar-me, e que se me atrevia, Jesus Cristo não havia vindo, mas o demônio, e que tantos tormentos haveria de dar-me, que me daria a morte, mas a obediência a vencia. É verdade que às vezes sofria penas mortais, assim que trabalhosamente podia recuperar-me depois da Comunhão, mas como o confessor queria absolutamente que a recebesse, não podia fazer de outro modo. Recordo que várias vezes não a recebi.

(92) Também recorro que às vezes enquanto rezava na noite, apagavam-me a lâmpada; às vezes faziam tais rugidos de dar medo. Outras vezes, vozes débeis como se fossem moribundos, mas quem pode dizer tudo o que faziam?

(93) Agora, esta dura batalha, embora não recorde muito bem, durou três anos, embora havia dias ou semanas de intervalo, não cessaram de tudo, mas começaram a diminuir.

(94) Recorro que depois de uma Comunhão, o Senhor me ensinou o modo como devia fazer para pô-los em fuga, e era o depreciá-los e não prestar-lhes nenhuma atenção, e que devia fazer de conta como se fossem tantas formigas. Senti-me infundir tanta força que não sentia mais aquele temor de antes, e fazia assim: quando faziam estrépito, rumores, lhes dizia: "Vê-se que não tendes nada o que fazer, e que para passar o tempo estais fazendo tantas bobagens. Façam, façam, que depois quando vos cansares, o terminareis". Às vezes cessavam, outras vezes se enojavam tanto que faziam ruídos mais fortes. Eu os sentia junto a mim, fazendo-se mais fortes e faziam violência para me levar, sentia o fedor horrível, o calor do fogo. É verdade que em meu interior sentia um estremecimento, mas me forçava e lhes dizia: "Mentirosos que sois, se isso fosse verdade, desde o primeiro dia o havíeis feito, mas como é falso e que não tendes nenhum poder sobre mim, mas só aquele que vos é dado do alto, por isso digam, digam, e depois quando vos cansares, rachareis". Se emitiam gritos e lamentos lhes dizia: "Quê? Não saíram bem as coisas hoje? Quer dizer, vos lamentais porque lhes há sido tirada alguma alma? Pobrezinhos, não se sentem bem, contudo, quero também fazê-los lamentar outro pouco". E me punha a rezar pelos pecados ou a fazer atos de reparação. Às vezes, me ria quando começavam a fazer as acostumadas coisas e lhes dizia: "Como posso temê-los, raça vil? Se fôsseis seres sérios não haveríeis feito tantas bobagens, vocês mesmos, não vos envergonhais? Não façais que os tome de zombaria". Depois, se me punham tentações de blasfemar ou de ódio contra Deus, oferecia aquela pena amarguíssima, aquela violência que me fazia, porque enquanto via que o Senhor merecia todo o amor, todas as adorações, eu era forçada a fazer o contrário, em reparação de tantos que livremente blasfemam e que nem sequer recordam que existe um Deus, que estão obrigados a amá-Lo. Se me incitavam ao desespero, em meu interior dizia: "Não me importo nem com o Paraíso nem com o inferno, o que me importa é amar o meu Deus, este não é tempo de pensar em outra coisa, mas é tempo de amar quanto mais possa a meu bom Deus, o Paraíso e o inferno os

deixo em suas mãos, Ele, que é tão bom me dará o que mais me convém, e me dará um lugar onde possa glorificá-Lo mais”.

(95) Jesus Cristo me ensinou o meio mais eficaz para fazer que a alma fique livre de toda vã apreensão, de toda dúvida, de todo temor. Era declarar diante do Céu, da Terra e ante os mesmos demônios, não querer ofender a Deus, mesmo à custa da própria vida, não querer consentir a qualquer tentação do demônio, e isso, enquanto a alma percebe que vem a tentação, se pode, no momento da batalha, e assim começa a se sentir livre, e também durante o curso do dia. Fazendo assim, a alma não perderá tempo pensando se consentiu ou não, porque só o recordar a promessa lhe restituirá a calma. E se o demônio busca inquietá-la, poderá responder-lhe que se houvesse tido intenção de ofender a Deus, não haveria declarado o contrário, e assim ficará livre de todo temor.

(96) Agora, quem pode dizer a raiva do demônio, pois atuando deste modo, todas as suas astúcias resultavam em sua confusão, e onde acreditava ganhar perdia, já que de suas próprias tentações e artifícios a alma se servia para poder fazer atos de reparação e amor a seu Deus?

(97) O outro modo que me ensinou para afastar as tentações foi o seguinte: se me tentavam ao suicídio eu devia responder: “Não tendes nenhuma permissão de Deus, e mais, para vosso despeito quero viver para poder amar mais a meu Deus”. Se me golpeavam, eu devia me humilhar, ajoelhar-me e agradecer a meu Deus, porque isso sucedia como penitência de meus pecados, e não só isso, mas oferecer tudo como atos de reparação por todas as ofensas feitas a Deus no mundo.

(98) Finalmente, uma feia tentação que me durou pouco, foi que devido ao contato contínuo por cerca de um ano e meio com tão feios demônios, eu devia ficar grávida e parir um pequeno demônio com chifres. Minha fantasia crescia tanto, que eu me via diante de uma confusão horrível, pelo que se havia dito de mim por um acontecimento tão terrível.

(99) Depois de cerca de um ano e meio desta luta, finalmente terminaram as crueldades dos demônios e começou uma vida toda nova, mas os demônios não deixaram de molestar-me de vez em quando, mas não eram tão frequentes, não era tão feroz a batalha, e eu me acostumei a depreciá-los.

(100) A vida nova que começou foi na casa de campo chamada “Torre Disperata”. Um dia, em que mais que nunca havia sido atormentada pelo demônio, tanto que senti perder as forças e desmaiar, pela tarde, enquanto assim estava senti vir-me uma

coisa mortal e perdi os sentidos. Nesse estado, vi a Jesus Cristo rodeado de muitos inimigos, quem o golpeava, quem o esbofeteava, quem lhe cravava os espinhos na cabeça, quem lhe quebrava as pernas, quem os braços. Depois que o reduziram quase em pedaços o puseram nos braços da Virgem, e isso sucedia um pouco longe de mim. Depois que a Virgem Santíssima o tomou entre seus braços, aproximou-se de mim e chorando me disse:

(101) “Filha, olha como é tratado Meu Filho pelos homens, as horríveis ofensas que cometem, jamais Lhe dão trégua, veja como Ele sofre”.

(102) Eu tratava de vê-lo e o via todo sangue, todo chagas, e quase despedaçado, reduzido a um estado mortal, sentia tais penas que haveria querido morrer mil vezes antes que ver sofrer tanto a meu Senhor. Envergonhava-me de meus pequenos sofrimentos. A Santíssima Virgem agregou, mas sempre chorando:

Luísa é escolhida como vítima. Confessores.

(103) “Aproxima-te para beijar as chagas de Meu Filho, Ele te escolhe como vítima. E se tantos O ofendem, tu oferecendo-te a sofrer o que Ele sofre, Lhe darás um alívio em tanto sofrer, não o aceitas?”

(104) Eu me sentia tão aniquilada, me via tão má (como o sou todavia) e indigna, que não ousava dizer “sim”. Minha natureza tremia, me sentia tão débil pelas penas passadas, que apenas me ficava um fio de vida. Além disso, não sei como, de longe via aos demônios que alvoroçavam tanto, faziam muito ruído, e via que tudo o que tinha visto que haviam feito ao Senhor, deviam fazê-lo a mim, se aceitasse. Em mim mesma sentia tais penas, dores, estiramentos de nervos, que acreditei que deixaria a vida. Finalmente me aproximei e lhe beijei as chagas, parecia que ao fazê-lo, aqueles membros tão lacerados se curavam, e o Senhor que antes parecia quase morto começava a reanimar-se à nova vida. Internamente recebia tais luzes sobre as ofensas que se cometem, atrações para aceitar ser vítima, mesmo que devesse sofrer mil mortes, porque o Senhor tudo merecia, e que eu não podia opor-me ao que Ele queria. Isso sucedia enquanto estávamos em silêncio, mas aqueles olhares que mutuamente nos dávamos eram tantos convites, tantas setas ardentes que me transpassavam o coração. Especialmente a Santíssima Virgem

me incitava a aceitar, mas quem pode dizer tudo o que passei ? Finalmente o Senhor olhando-me benignamente, disse-me:

(105) “Tu viste o quanto me ofendem e quantos caminham pelos caminhos da iniquidade, e sem perceber se precipitam no abismo. Vem a oferecer-te ante a Divina Justiça como vítima de reparação pelas ofensas que se fazem e pela conversão dos pecadores, que de olhos fechados bebem na fonte envenenada do pecado. Um imenso campo se abre ante a ti, de sofrimentos, sim, mas também de graças. Eu não te deixarei mais, virei em ti para sofrer tudo o que me fazem os homens, te fazendo participar de minhas penas. Como ajuda e consolo te dou a minha Mãe”.

(106) E parecia que me entregava a Ela, e Ela me aceitava. Eu também me ofereci toda a Ele e à Virgem, disposta a fazer o que Ele queria, e assim terminou a primeira vez.

(107) Depois que recobrei-me daquele estado, sentia tais penas, tal aniquilamento de mim mesma, que me via como um miserável verme que não sabia fazer mais que arrastar-se por terra, e dizia ao Senhor: “Ajuda, tua Onipotência me aterra, vejo que se Tu não me levantas, meu nada se desfaz e vai se dispersar. Dá-me o sofrer, mas te rogo que me dês a força, porque me sinto morrer”. E assim começou um alternar-se de visitas de Nosso Senhor e de tormentos por parte dos demônios. Por quanto mais me resignava, tanto mais aumentava sua raiva.

(108) Poucos dias depois do que foi dito anteriormente, senti de novo perder os sentidos (recordo que ao princípio, cada vez que me acontecia isso, acreditava que devia deixar a vida). Enquanto perdi os sentidos, se fez ver outra vez Nosso Senhor com a coroa de espinhos na cabeça, todo pingando sangue, e dirigindo-se a mim disse:

(109) “Filha, olha o que me fazem os homens. Nestes tristes tempos é tanta sua soberba, que hão infestado todo o ar, e é tanto o fodor que por todas as partes se espalha, tanto, que há chegado até meu trono no Empíreo. Fazem de tal modo que eles mesmos fecham o Céu. Os miseráveis não têm olhos para saber a verdade porque estão ofuscados pelo pecado da soberba, com o cortejo dos demais vícios que levam consigo. Ah, dá-me um alívio a tão acerbos dores e uma reparação a tantas ofensas que me fazem”.

(110) Dizendo isso, tirou a coroa, que não parecia coroa, mas uma peça inteira, de modo que nem sequer uma mínima parte da cabeça ficava livre, mas era toda transpassada por aqueles espinhos. Enquanto tirou a coroa, aproximou-se de mim e me perguntou se a aceitava. Eu me sentia tão aniquilada, sentia tais penas pelas ofensas que se fazem a Ele, que me sentia destroçar

o coração e lhe disse: “Senhor, faz de mim o que quiseres”. E assim o fez e a enfiou em minha cabeça e desapareceu.

(111) Quem pode dizer a dor que senti ao voltar a mim mesma? A cada movimento da cabeça acreditava que ia expirar, tantas eram as dores, as picadas que sentia na cabeça, nos olhos, nas orelhas, por trás, na nuca, sentia aqueles espinhos me penetrarem até na boca, e esta se apertava de tal modo que não podia abri-la para tomar o alimento, e estava às vezes dois e às vezes três dias sem poder tomar nada. Quando de algum modo se mitigavam, sentia sensivelmente uma mão que me oprimia a cabeça e me renovava as penas, e às vezes eram tantas as dores que perdia os sentidos. A princípio isso sucedia alguns dias sim e outros não, de vez em quando se repetia três ou quatro vezes ao dia, às vezes durava um quarto de hora, outras vezes meia hora e outras uma hora, e depois ficava livre; só que me sentia muito débil e sofrida, na medida em que naquele estado de adormecimento me haviam sido comunicadas as penas, assim ficava mais ou menos sofrida.

(112) Recordo também como algumas vezes pelos sofrimentos da cabeça, como disse acima, não podia abrir a boca para tomar o alimento, e como a família sabia que não tinha vontade de estar no campo, quando viam que não comia o atribuíam a um capricho meu, e naturalmente se enojavam, se inquietavam e me repreendiam. Minha natureza queria ressentir-se por isso, porque via que não era verdade o que eles diziam, mas o Senhor não queria este ressentimento. E eis aqui como sucedeu:

(113) Uma noite, enquanto estávamos à mesa e eu nesse estado de não poder abrir a boca, a família começou a inquietar-se. Eu o sentia tanto que comecei a chorar, e para não ser vista me levantei e fui a um outro aposento para seguir chorando, e pedia a Jesus Cristo e à Santíssima Virgem que me dessem ajuda e força para suportar essa prova, mas enquanto isso fazia, senti que começava a perder os sentidos. Ó Deus, que pena só em pensar que a família me veria, sendo que até agora não haviam percebido! Enquanto estava nisso lhe dizia: “Senhor, não permitas que me vejam”. E eu tinha tal vergonha que me vissem, embora não sei dizer porque, e tratava por quanto mais podia de esconder-me em lugares onde não podia ser vista. Quando era surpreendida imprevisivelmente por esse estado, de modo que não tinha tempo de esconder-me ou ao menos de ajoelhar-me, porque na posição em que me encontrava assim ficava, e podiam dizer que estava rezando, então me descobriam. Enquanto perdi os sentidos, Nosso Senhor se fez ver em meio de muitos inimigos

que Lhe lançavam toda classe de insultos, especialmente O agarravam e O pisoteavam debaixo dos pés, O blasfemavam, puxavam- Lhe os cabelos...Parecia-me que meu bom Jesus queria fugir de debaixo daqueles pés fétidos e ia buscando uma mão amiga que o libertasse, mas não encontrava ninguém. Enquanto via isso, eu não fazia outra coisa que chorar sobre as penas de meu Senhor, havia querido ir no meio desses inimigos, talvez poderia libertá-lo, mas não me atrevia e Lhe dizia: “Senhor, faz-me participar em tuas penas. Ah, se pudesse aliviar-te e liberar-te!”. Enquanto isso dizia, aqueles inimigos, como se houvessem entendido, vinham contra mim, porém tão enfurecidos que começaram a golpear-me, a puxar-me os cabelos, a pisotear-me. Eu tinha grande temor, sofria, sim, mas dentro de mim estava feliz porque via que dava ao Senhor um pouco de trégua. Depois aqueles inimigos desapareceram e eu fiquei sozinha com meu Jesus. Tentei me compadecer d’Ele, mas não me atrevia a dizer- Lhe nada, e Ele, rompendo o silêncio me disse:

(114) “Tudo o que tu viste é nada em comparação às ofensas que continuamente me fazem. É tanta sua cegueira, o entregar-se às coisas terrenas, que chegam a tornar-se não só meus cruéis inimigos, mas também deles mesmos, e como seus olhos estão fixos na lama, por isso chegam a desprezar o Eterno. Quem me reparará tanta ingratidão? Quem terá compaixão de tanta gente que me custa sangue e que vive quase sepultada na sujeira das coisas terrenas? Ah, vem Comigo e reza e chora junto por tantos cegos que são todo olhos para tudo o que a terra dá, e desprezam e pisoteiam minhas graças sob seus pés imundos, como se fossem lama. Ah, eleva-te sobre tudo o que é terra, aborrece e despreza tudo o que a Mim não pertence, não te importem as provocações que recebas da família, depois que tenhas me visto sofrer tanto. Só te importe minha honra, as ofensas que continuamente me fazem e a perda de tantas almas. Ah, não me deixes só no meio de tantas penas que me destroçam o coração, tudo o que tu sofres agora é pouco em comparação com as penas que sofrerás. Não te disse sempre que o que quero de ti é a imitação de minha Vida? Olha quão diferente és de Mim, por isso ânimo e não temas”.

(115) Depois disso, voltei a mim mesma e me dei conta que estava rodeada pela família, todos choravam e estavam alarmados e tinham tal temor de que se repetisse este estado, pensando que eu morreria, que decidiram voltar a Corato o mais depressa possível para fazer-me observar pelos médicos. Não sei dizer porque sentia tanta aflição ao pensar que devia ser

examinada pelos médicos, muitas vezes chorava e me lamentava com o Senhor dizendo-lhe: “Quantas vezes, ó Senhor, te roguei que me faças sofrer ocultamente, isto era meu único contentamento, e agora também disso estou privada. Ah, diz-me, como farei? Só Tu podes ajudar-me e consolar-me em minha aflição. Não vês tantas coisas que dizem? Uns pensam de um modo e outros de outro, quem quer aplicar-me um remédio e quem outro, são todo olhos sobre mim, de modo que não tenho mais paz. Ah, socorre-me em tantas penas, porque sinto me faltar a vida”. E o Senhor benignamente agregou:

(116) “Não queiras afligir-te por isso, o que quero de ti é que te abandones como morta entre meus braços. Enquanto tu tiveres os olhos abertos para ver o que Eu faço e o que fazem e dizem as criaturas, Eu não posso livremente operar sobre ti. Não queres fiar-te de Mim? Não sabes quanto te amo e que tudo o que permito, ou por meio das criaturas ou por meio dos demônios, ou por meu meio diretamente, é para teu verdadeiro bem e não serve para outra coisa que para conduzir tua alma ao estado para o qual a elegi? Por isso quero que de olhos fechados estejas entre meus braços, sem olhar nem investigar isto ou aquilo, fiando-te inteiramente de Mim e deixando-Me operar livremente. Se em troca queres fazer o contrário, perderás tempo e chegarás ao oposto do que quero fazer de ti. A respeito das criaturas, usa um profundo silêncio, sê benigna e dócil com todos, faz que tua vida, tua respiração, teus pensamentos e afetos, sejam contínuos atos de reparação que aplaquem minha Justiça, oferecendo-me também as moléstias que te dão as criaturas, que não serão poucas”.

(117) Depois disso, fiz quanto mais pude para resignar-me à Vontade de Deus, se bem, muitas vezes era posta em tais apuros por parte das criaturas, que às vezes não fazia outra coisa que chorar. Chegou o momento de receber a visita do médico, e julgou que meu estado não era outra coisa que um problema nervoso, pelo qual receitou medicamentos, distrações, passeios, banhos frios, recomendou à família que cuidasse bem de mim quando fosse surpreendida por aquele estado, porque, lhes dizia, se a movem, a podem ferir em vez de ajudá-la, porque quando era surpreendida por esse estado ficava petrificada.

(118) Então começou uma guerra por parte da família, que me impedia de ir à igreja, não me dava a liberdade de ficar sozinha, era observada continuamente, pelo que frequentemente observavam que caía nesse estado. Muitas vezes me lamentava com o Senhor dizendo-lhe:

(119) “Meu bom Jesus, quanto aumentaram minhas penas, até das coisas mais amadas estou privada, como são os Sacramentos. Jamais pensei que devia chegar a isso, quem sabe onde irei terminar. Ah, dá-me ajuda e força, porque minha natureza desfalece”. Muitas vezes se dignava a bondosamente me dizer algumas palavras, por exemplo:

(120) “Eu sou tua ajuda, o que temes? Não recordas que também Eu sofri da parte de toda classe de gente? Uns pensavam de Mim de um modo, e outros de outro. As coisas mais santas que Eu fazia eram julgadas por eles como defeituosas, más, até que disseram que era um endemoninhado, tanto que me viam com olhos sinistros, me tinham entre eles, mas de má vontade, e maquinavam entre eles tirar-me a vida o mais depressa possível, porque minha presença havia se tornado intolerável para eles. Então, não queres que te faça semelhante a Mim, fazendo-te sofrer por parte das criaturas?”.

(121) E assim passei alguns anos sofrendo por parte das criaturas, dos demônios e diretamente de Deus. Às vezes chegava a tanta amargura por parte das criaturas, e pelo modo como pensavam, que tinha vergonha que qualquer pessoa me visse, tanto que meu maior sacrifício era aparecer em meio às pessoas. Tanta era a vergonha e a confusão, que me sentia atordoada. Houve outras visitas de outros médicos, mas não serviram para nada. Às vezes derramando amargas lágrimas dizia-Lhe com todo o coração: “Senhor, como se tornaram públicos meus sofrimentos, agora não só a família o sabe, mas também os estranhos, vejo-me toda coberta de confusão, parece-me que todos me apontam o dedo, como se esses sofrimentos fossem as piores ações, eu mesma não sei dizer que coisa me sucede. Ah, só Tu podes me liberar de tal publicidade e fazer-me sofrer ocultamente. Eu te peço, suplico, escuta-me favoravelmente”.

(122) Às vezes, também o Senhor mostrava não escutar-me e aumentavam minhas penas. Outras vezes se compadecia de mim, dizendo-me:

(123) “Pobre filha, vem a Mim que quero te consolar, tu tens razão em dizer que sofres, mas não recordas que Eu também, oh, quanto mais sofri. Até certo momento minhas penas foram ocultas, mas quando chegou a Vontade do Pai de sofrer em público, rapidamente saí a encontrar confusões, opróbrios, desprezos, até ser despojado de minhas vestes, estar nu em meio a um povo numerosíssimo. Poderias tu imaginar confusão maior que essa? Minha natureza sentia muito esta classe de sofrimentos, mas tinha os olhos fixos na Vontade do Pai, e oferecia estas penas em

reparação de tantos que cometem as mais nefastas ações publicamente, diante dos olhos de muitos, vangloriando-se sem a mínima vergonha, e lhe dizia: “Pai, aceita minhas confusões e meus opróbrios em reparação de tantos que têm a desfaçatez de ofender-te tão livremente sem o mínimo desgosto. Perdoa-lhes, dá-lhes luz, a fim de que vejam a fealdade do pecado e se convertam”. Também a ti quero fazer partícipe dessa classe de sofrimentos. Não sabes tu que os mais belos presentes que posso dar às almas que amo são as cruzes e as penas? Tu és menina ainda no caminho da cruz, por isso te sentes demasiado débil. Quando houveres crescido e tiveres conhecido quão precioso é o sofrer, então te sentirás mais forte. Por isso, apoia-te em Mim, repousa-te porque assim adquirirás força”.

(124) Depois que passei algum tempo nesse estado descrito acima, cerca de seis ou sete meses, os sofrimentos se acrescentaram mais, tanto que me vi obrigada a estar na cama. Frequentemente se multiplicava aquele estado de perder os sentidos, e quase não tinha nem sequer uma hora livre, reduzi-me a um estado de extrema debilidade, a boca se apertava de tal modo que não podia abri-la, e em algum momento livre que tinha apenas algumas gotas de algum líquido podia tomar, se é que o conseguia, e depois era obrigada a devolvê-lo, pelos contínuos vômitos que hei tido sempre. Depois que estive cerca de dezoito dias neste estado contínuo, se mandou chamar ao confessor para confessar-me. Quando veio o confessor, encontrou-me nesse estado de sonolência. Quando me recuperei, perguntou-me o que eu tinha, somente disse, calando todo o resto. E como continuavam as moléstias dos demônios e as visitas de Nosso Senhor, então lhe disse: “Padre, é o demônio”. Ele me disse que não tivesse medo, porque não é o demônio, e se é ele, o sacerdote te libera. Assim, dando-me a obediência e fazendo-me o sinal da cruz e ajudando-me a mover os braços, porque sentia todo o corpo petrificado como se houvesse convertido tudo em uma só peça, logrou que os braços recobrassem o movimento, logrou fazer que a boca se abrisse, que antes estava imóvel para tudo. Isso o atribuí à santidade de meu confessor, que em verdade era um santo sacerdote; o considerei quase um milagre, tanto que dizia comigo mesma: “Olha, estavas a ponto de morrer”. Porque na verdade me sentia mal, e se houvesse durado aquele estado, eu creio que havia deixado a vida. Se bem, recordo que estava resignada e quando me vi liberada, senti um certo pesar porque não havia morrido.

(125) Depois que o confessor se foi, e eu fiquei livre, voltei ao mesmo estado de antes, e assim sucedia que passavam às vezes semanas, às vezes quinze dias e até meses em que era surpreendida de vez em quando por aquele estado durante o dia, mas por mim mesma conseguia liberar-me. Depois quando era surpreendida com mais frequência, como disse mais acima, então os familiares mandavam chamar ao confessor, pois haviam visto que a primeira vez havia sido liberada por ele, quando todos acreditavam que não haveria de me recuperar mais daquele estado, e ao invés até pude ir à igreja. Devido a isso chamavam ao confessor, e então ficava livre. Nunca me passou pela mente que para tal estado se necessitasse o sacerdote para liberar-me, nem que meu mal fosse uma coisa extraordinária. É certo que quando perdia os sentidos via a Jesus Cristo, mas isso o atribuía à bondade de Nosso Senhor, e dizia comigo mesma: “Olha quão bom é o Senhor para mim, que neste estado de sofrimentos vem a dar-me a força, de outra maneira, como poderia sustentar-me, quem me daria a força?”. Também é certo que quando devia cair neste estado, pela manhã, na Comunhão Jesus o dizia a mim, e caindo neste estado, d’Ele mesmo me vinham os sofrimentos, porém não dava importância a nada. Com somente em pensar alguma vez em dizê-lo ao confessor, eu acreditava ser a alma mais soberba que existira no mundo, se me atrevia a falar dessas coisas de ver a Jesus Cristo. E sentia tal vergonha, que foi impossível dizer algo a esse confessor, apesar de quão bom e santo ele era. Tanto é verdade, que não acreditava que se necessitara ao sacerdote para liberar-me e que isso sucedia pela santidade do confessor, que quando chegou o tempo, ele se foi ao campo. Então uma manhã, depois da Comunhão, o Senhor me fez entender que devia ser surpreendida por esse estado, me convidou a fazer-lhe companhia com o participar em suas penas, mas eu de súbito lhe disse: “Senhor, como farei? O confessor não está, quem deve me liberar? Queres acaso fazer-me morrer?”. E o Senhor me disse somente:

(126) “Tua confiança deve estar só em mim, fique resignada, pois a resignação faz a alma luminosa, faz estar em seu lugar as paixões, de modo que Eu, atraído por estes raios de luz, vou à alma e a uniformizo toda em Mim, e a faço viver de minha própria Vida”.

(127) Eu me resignei à Sua Santa Vontade, ofereci aquela Comunhão como a última de minha vida, dei o último adeus a Jesus no Sacramento, e se bem estava resignada, mas minha natureza o sentia tanto, que todo aquele dia não fiz outra coisa

que chorar e pedir ao Senhor que me desse a força. Em verdade me resultou demasiado amargo todo este feito, e sem pensar nem saber, me encontrei com uma nova e pesada cruz, que creio que tenha sido a mais pesada que tive em minha vida. Enquanto estava naquele estado de sofrimentos, eu não pensava em outra coisa mais que em morrer e em fazer a Vontade de Deus. Os familiares, que também sofriam ao ver-me naquele estado, trataram de chamar algum sacerdote, mas nenhum quis vir, um por uma coisa e outro por outra. Depois de dez dias veio o sacerdote que me confessava quando era pequena, e sucedeu que ele também me fez sair desse estado, e então me dei conta da rede na qual o Senhor havia me envolvido.

(128) Daqui me veio uma guerra por parte dos sacerdotes, quem dizia que era fingimento, quem que se necessitavam as varas, outros que queria passar por santa, quem agregava que estava endemoninhada e muitas outras coisas, que dizê-las todas seria fazer demasiado longa a história. Com essas ideias em suas mentes, quando sucediam os sofrimentos e a família mandava chamar a algum, não queria vir, dizendo todas aquelas coisas. E a pobre família tem sofrido muito, especialmente minha pobre mamãe, quantas lágrimas tem derramado por mim. Ah Senhor, recompensa-lhe Tu! Ó meu bom Senhor, quanto sofri desde então, só Tu sabes tudo!

(129) Quem pode dizer quão amargo me resultou este feito, que para liberar-me deste estado de sofrimentos se necessitava ao sacerdote! Quantas vezes pedi, derramando lágrimas amarguíssimas, que me libere disso! Muitas vezes fiz firmes resistências ao Senhor, quando Ele queria que me oferecesse como vítima, e aceitasse as penas, e lhe dizia: “Senhor, promete-me que Tu mesmo me liberarás, e então aceito tudo, de outra maneira não, não quero aceitar”. E resistia o primeiro dia, o segundo, o terceiro, mas quem pode resistir a Deus? Insistia tanto que ao fim me via obrigada a submeter-me à cruz. Outras vezes lhe dizia de coração e com confiança: “Senhor, como é que fazes isso ? Como é que entre Tu e eu, hás querido pôr a um terceiro? E este terceiro não quer prestar-se. Olha, poderíamos estar muito felizes Tu e eu sozinhos. Quando me querias para sofrer, eu imediatamente aceitava, porque sabia que Tu mesmo me devias liberar, mas agora não, se necessita outra mão. Rogo-Te, libera-me, pois assim estaremos ambos mais felizes”.

(130) Às vezes fingia não me escutar e não me dizia nada, outras vezes me dizia:

(131) “Não temas, sou Eu quem dá as trevas e a luz, virá o tempo da luz, é meu costume que as minhas obras manifeste por meio dos sacerdotes”.

(132) Assim passei três ou quatro anos destas contradições por parte dos sacerdotes. Muitas vezes me sujeitavam a provas duríssimas, chegavam a deixar-me neste estado de sofrimentos, isto é, petrificada, incapaz de qualquer mínimo movimento, nem sequer de poder tomar uma gota de água, até dezoito dias, quando assim o queriam. Só o Senhor sabe o que eu passava neste estado, e logo quando vinham, não tinha nem o bem de ouvir: “Tem paciência, faz a Vontade de Deus”, mas era repreendida como uma caprichosa e desobediente. Oh Deus, que pena! Quantas lágrimas hei derramado, quantas vezes pensava que era desobediente e dizia comigo mesma: “Como esta virtude da obediência que para o Senhor é a mais agradável está tão longe de mim? Que pode fazer e esperar de bem uma alma desobediente?”. Muitas vezes me lamentava com Nosso Senhor e às vezes, chegava até a me ressentir, e quando Ele queria que aceitasse os sofrimentos eu resistia quanto mais podia. Mas o Senhor quando via que começava a resistir, fazia ver que não me punha atenção e não me dizia nada mais, e logo de repente vinha a surpreender-me. O que então dizia o confessor é porque não queria, às vezes, que caísse naquele estado, mas isso não estava em meu poder. É verdade que hei sido desobediente, e que jamais fui boa para nada, mas recordo também que a pena mais dolorosa para mim era não poder obedecer.

(133) Neste período de tempo, recordo que houve uma epidemia de cólera, e que um dia em que pedia a meu bom Jesus que fizesse cessar este flagelo, Ele me disse:

(134) “Eu te contentarei, contanto que aceites oferecer-te a sofrer o que Eu quero”.

(135) Eu lhe disse: “Senhor, não, não posso, Tu sabes como eles pensam, a menos que tudo passe só entre Tu e eu, só assim estaria disposta a aceitar tudo”.

(136) E Ele me disse: “Minha filha, se Eu houvesse pensado no que os homens pensavam e no que queriam fazer de Mim, não havia feito a Redenção do gênero humano, mas Eu tinha meu olhar fixo em sua salvação, e o grande amor que me devorava me fazia fazer, que quando via pessoas que pensavam mal de Mim e que davam ocasião de fazer-me sofrer mais, Eu oferecia estas mesmas penas que eles me davam por sua própria salvação. Hás te esquecido que o que quero de ti é a imitação de minha Vida, e que quero que participes em tudo o que sofri? Não sabes tu que o

ato mais belo, mais heroico, e mais agradável a Mim e que deves oferecer-Me, é o de oferecer-te por aqueles mesmos que te são contrários?”.

(137) Eu fiquei muda, não soube o que responder-lhe, aceitei tudo o que o Senhor queria, e assim, até à noite, fui surpreendida por esse estado de sofrimentos no qual estive três dias contínuos, e depois que voltei a mim não ouvi mais que houvesse cólera.

(138) Depois disso, me veio outra mortificação, e foi a de ter que mudar de confessor, porque sendo ele religioso foi chamado ao convento. Eu estava satisfeita com ele, e a maior parte das coisas ditas acima sucediam quando ele estava no campo, especialmente o último ano que foi meu confessor, pois pela cólera que havia na cidade, permaneceu seis meses no campo. Por isso, não participou tanto nessas coisas. Ele me fazia estar um dia naquele estado de sofrimentos e vinha. Depois de voltar do campo não passou nem um mês, quando soube que devia ir-se. Isso foi doloroso para mim, não porque estivesse apegada a ele, mas pela necessidade que tinha. Então disse ao Senhor minha aflição, e Ele me disse:

(139) “Não te aflijas por isso, Eu sou o dono dos corações, e posso movê-los como me parece e me agrada. Se ele te fez o bem, não foi mais que um instrumento que recebia de Mim e o dava a ti, assim farei com os demais. O que temes, então? Minha amada, enquanto tiveres teu olhar posto, ora à direita, ora à esquerda, e o deixares pousar ora numa coisa e ora em outra, e não o mantinhas fixo em Mim, não poderás caminhar livremente o caminho do Céu, mas irás sempre tropeçando e não poderás seguir o influxo da graça. Por isso, quero que com santa indiferença olhes todas as coisas que sucedem em torno a ti, estando toda atenta somente a Mim”.

(140) Depois dessas palavras meu coração adquiriu tanta força, que pouco ou nada sofri pela perda desse confessor que tanto bem havia feito à minha alma. Assim foi como mudei de confessor e voltei ao que me confessava quando era pequena. Seja sempre bendito o Senhor, que se serve desses mesmos caminhos que a nós parecem contrários e que quase deveriam trazer dano à nossa alma, para nosso maior bem e para sua glória. Assim sucedeu que comecei a abrir-lhe a alma, porque até aquele momento não havia dito nada a nenhum. Por quanto o dissessem, não o conseguia, me via bem mais impotente para dizer as coisas de meu interior. Era tanta a vergonha que sentia só ao pensar em dizer essas coisas, que me era mais fácil dizer os mais feios pecados. De onde procedia isso, não sei dizê-lo, por parte do

confessor creio que não, porque era muito bom, me inspirava confiança, era doce e paciente para escutar, tomava cuidado detalhado de minha alma, tinha o olhar em tudo para que se pudesse caminhar direito. Por minha parte tampouco, porque sentia um obstáculo em minha alma e tinha toda a vontade de vencê-lo e de saber ao menos como pensava o confessor, mas me sentia impossibilitada para fazê-lo. Eu creio que foi uma permissão do Senhor.

(141) Então, encontrando-me com meu novo confessor, comecei, pouco a pouco a abrir meu interior. O Senhor muitas vezes me ordenava que manifestasse ao confessor o que Ele me dizia, e quando eu não o fazia, o Senhor me repreendia severamente e às vezes, chegava a dizer-me que se não o fazia, Ele não viria mais. Isso é para mim a pena mais amarga, ante a qual todas as demais penas não me parecem mais que fios de palha. Por isso, tanto era o temor que não voltasse mais, que fazia quanto mais podia para manifestar meu interior. É verdade que às vezes me custava muito, mas o temor de perder a meu amado Jesus me fazia superar tudo. Por parte do confessor também me via empurrada a dizer-lhe de onde procedia tal estado meu, que coisa me sucedia, quando estava naquele adormecimento e qual era a causa. Ora me ordenava manifestá-lo, ora me obrigava com preceito de obediência, e logo me punha diante o temor de que pudesse viver na ilusão e no engano, vivendo para mim mesma, enquanto que se o manifestasse ao sacerdote poderia estar mais segura e tranquila, e que o Senhor não permite jamais que o sacerdote se engane quando a alma é obediente. Assim, Jesus Cristo me empurrava por uma parte e o confessor por outra. Às vezes, me parecia que se punham de acordo entre eles. Assim pude chegar a manifestar meu interior. Isso não o fazia o confessor anterior, não me fazia nenhuma pergunta, não tratava de saber que coisas me sucediam naquele estado de adormecimento, pelo que eu mesma não sabia como começar a falar-lhe estas coisas. O único cuidado que tomava era que estivesse resignada, uniformizada ao Querer de Deus, que suportasse a cruz que o Senhor me havia dado, tanto que se às vezes me via um pouco aborrecida, experimentava grande desgosto.

(142) Depois sucedeu que passei cerca de outro ano com esse confessor, no mesmo estado dito acima, mas como sabia de onde provinha este estado de sofrimento, me dizia que quando Jesus Cristo quisesse que me viessem os sofrimentos, fosse pedir a ele

a obediência para sofrer. Recordo que uma manhã, depois da Comunhão, o Senhor me disse:

(143) “Filha, são tantas as iniquidades que se cometem, que a balança de minha Justiça está por transbordar. Hás de saber que pesados flagelos farei cair sobre os homens, especialmente uma feroz guerra na qual farei massacre da carne humana”. “Ah sim”, prosseguiu quase chorando, “Eu dei os corpos aos homens, a fim de que fossem tantos santuários onde devia ir a deleitar-me, mas os mudaram em esgotos de imundícies, e é tanto o fedor, que me obrigam a estar longe deles. Vê a recompensa que recebo ante tanto amor e tantas penas que sofri por eles. Quem há sido tratado como Eu? Ah, nenhum, mas quem é a causa? É o grande amor que lhes tenho. Por isso, os provarei com os castigos”.

(144) Eu me sentia romper o coração pela dor, parecia-me que eram tantas as ofensas que Lhe faziam, que para fugir queria esconder-se em mim, como para encontrar refúgio. Sentia também tal pena porque os homens deviam ser castigados, que me parecia que não eles, mas eu mesma devia sofrer, mas bem me parecia que se eu pudesse, me haveria sido mais suportável sofrer eu todos aqueles castigos, antes que ver sofrer aos demais.

(145) Tentei compadecer-me d’Ele quanto mais pude e com todo o coração Lhe disse: “Ó Esposo Santo, evita os flagelos que tua Justiça tem preparado, se a multiplicidade das iniquidades dos homens é grande, há o mar imenso de teu Sangue, onde podes sepultá-las, e assim a Vossa Justiça ficará satisfeita. Se não tens onde ir para deleitar-Te, vem em mim, Te dou todo meu coração, para que repouses, e Te deleites com ele. É verdade que também eu sou um lugar imundo de vícios, mas Tu podes purificar-me e fazer-me como Tu queres. Mas aplaca-Te, se é necessário o sacrifício de minha vida, ah, de boa vontade o farei, contanto que veja Tuas imagens livradas”. E o Senhor, interrompendo meu falar, continuou dizendo-me:

(146) “Precisamente isso é o que quero. Se tu te ofereces a sofrer, não como até agora, de vez em quando, mas continuamente, cada dia e por um determinado tempo, Eu livrarei aos homens. Olha como o farei, te porei entre Minha Justiça e as iniquidades das criaturas, e quando Minha Justiça se vir cheia das iniquidades, de modo que não possa contê-las e se veja obrigada a mandar os flagelos para castigar as criaturas, encontrando-te no meio, em vez de golpeá-los, ficarás golpeada tu. Só deste modo poderei contentar-te em livrar aos homens, de outro modo, não”.

(147) Eu fiquei toda confusa, não sabia o que dizer-Lhe, minha natureza fazia sua parte, se espantava e tremia, mas via a meu

bom Jesus que esperava uma resposta, se aceitava ou não. Então vendo-me quase obrigada a falar disse-Lhe: “Ó meu Diviníssimo Esposo, por minha parte estaria pronta a aceitar, mas como se remediará por parte do confessor? Se não quer vir de vez em quando, como será possível que queira vir todos os dias? Liberta-me desta cruz de necessitar do confessor para me liberar, e então tudo ficará arranjado entre Tu e eu”. Então o Senhor me disse:

(148) “Vá ao confessor e peça-lhe a obediência, se ele quiser. Dirás a ele tudo o que Eu te disse e farás o que ele disser. Olha, não será somente para o bem das criaturas que quero estes sofrimentos contínuos, mas também para teu bem. Neste estado de sofrimentos purificarei muito bem tua alma, de modo a dispor-te a formar Comigo um místico desposório, e depois disso farei a última transformação, de modo que os dois seremos como duas velas que postas no fogo, uma se transforma na outra e se forma uma só. Assim transformarei a Mim em ti, e tu ficarás crucificada Comigo. Ah, não estarias feliz se pudesses dizer: “O Esposo crucificado, mas também a esposa está crucificada? Ah sim, não há nenhuma coisa que me faça dessemelhante Dele”.

(149) Então, quando pude falar com o confessor, disse-lhe tudo o que o Senhor me havia dito, e como aquela palavra que o Senhor me disse: “Por um determinado tempo”, sem dizer-me o tempo preciso que devia estar continuamente sofrendo, eu a tomei como por quarenta dias, mais ou menos, mas já passaram cerca de doze anos que continuo assim, mas Deus seja sempre bendito, sejam adorados sempre seus inescrutáveis juízos. Eu creio que se o Senhor bendito me houvesse feito entender com claridade o tempo em que devia estar na cama, minha natureza se haveria espantado muito e dificilmente haveria se submetido. Embora recorde que estive sempre resignada, mas então não conhecia a preciosidade da cruz como o Senhor me fez conhecer no transcorrer destes doze anos, nem o confessor teria concordado em me dar a obediência. Então assim disse ao confessor, que por quarenta dias o Senhor queria que me desse a obediência de estar continuamente sofrendo, e também lhe disse o resto. Com grande surpresa minha, porque eu acreditava que era impossível, o confessor me disse que se era verdadeiramente Vontade de Deus, ele me dava a obediência, que na realidade não era que ele não pudesse vir, mas sim um pouco de respeito humano. Minha alma se alegrou muito porque podia contentar ao Senhor, e também livrar as criaturas, mas minha natureza se afligiu muito ao receber esta obediência, tanto que por alguns dias estive muito aflita. Também a alma a sentia pensativa, porque devia estar tanto

tempo sem poder receber Jesus no Sacramento, meu único consolo. Às vezes sentia uma guerra tão feroz em mim, que eu mesma não sabia que coisa me havia sucedido. Muitas coisas as agregava o demônio, mas meu bom Jesus pôs remédio a tudo, e eis como aconteceu.

Diferentes modos de falar de Jesus.

(150) Mas antes de continuar, por ordem do confessor atual devo manifestar os vários modos com os quais o Senhor me havia falado: Parece-me que os modos com os quais Deus me fala sejam quatro, mas estes quatro modos de falar de Jesus são muito diferentes das inspirações.

(151) 1-O primeiro modo é quando a alma sai fora de si. Mas antes quero explicar o melhor que possa este sair fora de mim mesma. Isso sucede de dois modos: O primeiro é instantâneo, quase como relâmpago, e é tão repentino que me parece que o corpo se eleva um pouco da cama, para seguir a alma, mas depois fica na cama e me parece que o corpo fica morto, e a alma ao invés disso, segue a Jesus caminhando por todo o Universo, a Terra, o ar, os mares, os montes, o purgatório e o Céu, onde muitas vezes me fez ver o lugar onde estarei depois de morta.

(152) O outro modo de sair a alma é mais tranquilo, parece que o corpo adormece insensivelmente e fica como petrificado ante a presença de Jesus Cristo, mas a alma permanece com o corpo, e este não sente nada das coisas externas, ainda que se transtornasse todo o Universo, mesmo que me queimassem e me reduzissem em pedaços.

(153) Estes dois modos tão diferentes de sair fora de mim mesma, eu os notei sensivelmente, porque no primeiro modo, devendo eu obedecer ao confessor que vinha a despertar-me, o vi desde o lugar onde me conduzia Jesus, isto é, desde os confins da Terra, ou do ar, ou dos montes, ou do mar, ou do purgatório, ou mesmo do próprio Paraíso. Na verdade, parecia-me que não haveria tempo de voltar para que o confessor encontrasse minha alma no corpo, e poder obedecer. E como me encontrava com a alma tão longe, me agitava toda, me angustiava e me afligia, pensando que não teria tempo de voltar ao corpo para que o confessor me encontrasse, e portanto não teria tempo de poder obedecer. No entanto, devo confessar que sempre me encontrei a tempo, e me parecia entrar a alma no corpo antes que o confessor começasse a dar-me a obediência de despertar.

(154) De fato, digo a verdade, muitas vezes eu via de longe ao confessor que vinha, mas para não deixar a Jesus, parecia que não pensava no confessor que vinha, e então o próprio Jesus me apressava a voltar com a alma ao corpo para poder obedecer ao confessor. E então eu sentia uma grande repugnância por deixar a Jesus, mas a obediência vencia e, deixando a Jesus, Ele mesmo, ou me beijava ou me abraçava ou fazia outra coisa para despedir-se de mim. E eu, deixando a meu amado Jesus lhe dizia: “Vou com o confessor, mas Tu, meu bom Jesus, volta assim que o confessor se for”.

(155) Esses são os dois modos com os quais a alma parecia que saía do corpo, e nestes dois modos de sair a alma, Deus me fala. Este modo de falar, Ele mesmo o chama falar intelectual. Tratarei de explicá-lo: A alma saída do corpo e encontrando-se diante de Jesus, não tem necessidade de palavras para entender o que o Senhor quer lhe dizer, nem a alma tem necessidade de falar para fazer-se entender, mas que tudo é por meio do intelecto. Oh, como nos entendemos bem quando nos encontramos juntos! De uma luz que de Jesus me vem à inteligência, sinto imprimir em mim tudo o que Meu Jesus quer fazer-me entender. Este modo é muito alto e sublime, tanto que a natureza dificilmente sabe explicá-lo com palavras, apenas pode dizer alguma ideia. Este modo em que Jesus se faz entender é rapidíssimo, em um simples instante se aprendem muito mais coisas sublimes que lendo livros inteiros. Oh, que Mestre engenhosíssimo é Jesus, que em um simples instante ensina muitas coisas, enquanto que qualquer outro necessitaria anos inteiros, se for bem sucedido. Porque o mestre terreno não tem potência para poder atrair a vontade do discípulo, nem de poder lhe infundir na mente sem esforços nem fadigas o que lhe quer ensinar. Mas com Jesus não é assim, tanta é sua doçura, a amabilidade de seu trato, a suavidade de seu falar. Além disso, é tão belo, que a alma apenas O vê, se sente tão atraída, que às vezes é tanta a velocidade com a qual corre ao lado de Jesus, que quase sem perceber se encontra transformada no objeto amado, de modo que a alma não sabe discernir mais seu ser terreno, tanto fica identificada com o Ser Divino. Quem pode dizer o que a alma experimenta neste estado? Seria necessário o próprio Jesus, ou a uma alma separada perfeitamente do corpo, porque a alma encontrando-se outra vez circundada pelos muros deste corpo, e perdendo aquela luz que antes a tinha submersa, muito perde e fica obscurecida, de tal modo que se quisesse dizer algo, o diria grosseiramente. Para dar uma ideia, digo que imagino a um cego de nascença, que nunca

teve o bem de ver o que há no Universo inteiro, e que por poucos minutos tivesse o bem de abrir os olhos à luz, e pudesse ver tudo o que contém o mundo: o Sol, o céu, o mar, as tantas cidades, as tantas máquinas, as variedades das flores e as tantas outras coisas que há no mundo... e depois daqueles poucos minutos de luz, voltasse à cegueira de antes. Poderia ele dizer claramente tudo o que viu? Somente poderia fazer um esboço, dizer alguma coisa confusamente. Isso é uma semelhança do que sucede quando a alma se encontra separada, e depois no corpo, não sei se digo desatinos. Assim como a aquele pobre cego ficaria a pena da perda da vista, assim a alma, vive gemendo e quase em um estado violento, porque a alma se sente violentada sempre em direção ao Sumo Bem. É tanta a atração que Jesus deixa de Si na alma, que a alma quisera estar sempre abstraída em seu Deus, mas isso não pode ser, e por isso se vive como se vivesse no purgatório. Agrego que a alma não tem nada de seu neste estado, tudo é operação que faz o Senhor.

(156) 2-Agora tratarei de explicar o segundo modo que tem Jesus para falar; e é que a alma encontrando-se fora de si mesma, vê a pessoa de Jesus Cristo, como por exemplo de Menino, ou Crucificado, ou em qualquer outro aspecto. E a alma vê que o Senhor com sua boca pronuncia as palavras e a alma com sua boca responde. Às vezes sucede que a alma se põe a conversar com Jesus como fariam dois íntimos esposos. Se bem, o falar de Jesus é pouquíssimo, apenas quatro ou cinco palavras, e às vezes mesmo uma só, raríssimas vezes se estende mais, mas nesse pouquíssimo falar, ah, quanta luz põe na alma! Parece-me ver à primeira vista um pequeno riacho, mas olhando bem, em vez de um riacho se vê um vastíssimo mar. Assim é uma só palavra dita por Jesus, é tanta a imensidão da luz que fica na alma, que ruminando-a muito bem, descobre tantas coisas sublimes e proveitosas à sua alma, que fica espantada.

(157) Eu creio que se se juntassem todos os sábios, ficariam todos confusos e mudos ante uma só palavra de Jesus. Agora, este modo é mais acessível à natureza humana, e facilmente se sabe manifestar, porque a alma entrando em si mesma, leva consigo o que ouviu dizer da boca de Nosso Senhor e o comunica ao corpo. Não é tão fácil quando é por meio do intelecto. Eu considero que Jesus tem este modo de falar para adaptar-se à natureza humana, não que tenha necessidade da palavra para fazer-se entender, mas porque deste modo a alma mais facilmente compreende e pode manifestá-lo ao confessor. Em suma, Jesus faz como um Mestre doutíssimo, sábio, inteligente, que possui em

grau eminentíssimo todas as ciências e que ninguém pode igualá-Lo, mas como se encontra entre discípulos que não aprenderam ainda as primeiras letras do alfabeto, retendo todos os outros conhecimentos em Si, ensina aos discípulos só o a, b, c, etc. Oh, como é bom Jesus! Adapta-se aos doutos e lhes fala de modo altíssimo, de modo que para entendê-Lo devem estudar muito bem o que lhes disse; adapta-se aos ignorantes e finge ser também Ele ignorante, e fala em modo baixo, de maneira que ninguém possa ficar em jejum das lições deste Divino Mestre.

(158) 3-O terceiro modo com que Jesus me fala é quando falando, a alma participa de Sua própria substância. Parece-me como quando o Senhor criou o mundo, com uma só palavra foram criadas as coisas, assim sendo sua palavra criadora, no próprio ato em que diz a palavra, cria na alma aquela mesma coisa que diz. Como por exemplo, Jesus diz à alma: “Olha como são belas as coisas, por quanto teus olhos possam percorrer a Terra ou o Céu, jamais encontrarão beleza similar a Mim”. Neste falar de Jesus, a alma sente entrar nela um algo divino e fica muito atraída para esta beleza, e ao mesmo tempo perde o atrativo de todas as outras coisas, por quão belas e preciosas fossem não lhe causam nenhuma impressão, o que lhe fica fixo e quase transmutado em si é a beleza de Jesus, nisto pensa, desta beleza se sente investida, e fica tão enamorada, que se o Senhor não fizesse outro milagre se lhe romperia o coração, e de puro amor por esta beleza de Jesus expiraria a alma para voar ao Céu a gozar desta beleza de Jesus. Eu mesma não sei se digo desatinos.

(159) Para explicar melhor este falar substancial de Jesus digo outra coisa, Jesus diz: “Olha quão puro sou, também em ti quero pureza em tudo”. Nestas palavras a alma sente entrar em si uma pureza divina, esta pureza se transmuta nela mesma e chega a viver como se não tivesse mais corpo, e assim das outras virtudes. Oh, como é desejável este falar de Jesus! Eu daria tudo o que está sobre a Terra, se fosse a dona de tudo, contanto que tenha uma só destas palavras de Jesus.

(160) 4-O quarto modo em que Jesus me fala é quando me encontro em mim mesma, isto é, no estado natural. E este falar é também de dois modos: O primeiro é quando encontrando-me em mim mesma, recolhida no interior do coração, sem articulação de voz ou sons ao ouvido do corpo, Jesus internamente fala. O segundo é como fazemos nós; e isto sucede às vezes, mesmo estando distraída ou falando com outras pessoas, mas uma só destas palavras basta para recolher-me se estou distraída, ou

para dar-me a paz se estou turbada, para consolar-me se estou aflita.

Novas regras de vida. Jesus lhe indica o novo modo de vida.

(161) Agora continuo narrando desde onde parei, e eis aqui como se seguiu:

(162) Pela manhã fui comungar, logo que recebi a Jesus, de repente lhe disse: “Meu Senhor, olha em que tempestade me encontro, deveria agradecer-te porque deste luz ao confessor para dar-me a obediência de sofrer. Ao invés, minha natureza o sente tanto, que eu mesma fico confusa ao ver-me tão má. Mas tudo isso é nada, porque Tu que queres o sacrifício me darás também a força. Porém a razão de mais peso em mim é ter que estar tanto tempo sem poder Te receber no Sacramento, quem poderá resistir sem Ti? Quem me dará a força? Onde poderei encontrar um consolo em minhas aflições?”. E enquanto isso dizia, sentia tais penas no coração por esta separação de Jesus Sacramentado, que chorava copiosamente. Então o Senhor compadecendo-se de minha debilidade disse-me:

(163) “Não temas, Eu mesmo sustentarei tua debilidade. Tu não sabes que graças te preparei, por isso temes tanto. Não sou Eu Onipotente? Não poderei Eu suprir a privação de que Me recebas no Sacramento? Por isso resigna-te, põe-te como morta em Meus braços, oferece-te vítima voluntária para reparar-Me as ofensas, pelos pecadores e para evitar aos homens os merecidos flagelos. E Eu te dou em penhor Minha palavra de não deixar nem sequer um só dia sem vir a visitar-te. Até agora tu vieste a Mim, de agora em diante virei Eu a ti. Não estás feliz?”.

(164) Assim me resignei à Santa Vontade de Deus, e fui surpreendida por este estado de sofrimentos. Quem pode dizer as graças que o Senhor começou a dar-me? É impossível poder dizê-lo detalhadamente, poderei dizer alguma coisa confusamente, mas por quanto possa e para cumprir a santa obediência que assim o quer, me esforçarei em dizer por quanto me seja possível.

(165) Recordo que desde o princípio deste estar continuamente na cama, meu amante Jesus muito frequentemente se fazia ver, o que não havia feito no passado. Desde o princípio me disse que queria que levasse um novo modo de vida para

dispor-me a aquele místico desposório que me havia prometido, dizia-me:

(166) “Amada de Meu Coração, te pus neste estado a fim de poder vir mais livremente e conversar contigo. Olha, te liberei de todas as ocupações externas, a fim de que não só a alma, mas também o corpo esteja à minha disposição, e assim tu possas estar em contínuo holocausto diante de Mim. Se não te houvesse posto na cama, devendo tu desempenhar os deveres de família e sujeitar-te a outros sacrifícios, não poderia Eu vir tão frequentemente e fazer-te partícipe das ofensas conforme as recebo; no máximo deveria esperar que cumprisses teus deveres. Mas agora não, agora temos ficado livres, não há ninguém que nos moleste e que interrompa nossa conversação. De agora em diante minhas aflições serão tuas, e as tuas, minhas; meus sofrimentos teus, e os teus meus; minhas consolações tuas, e as tuas, minhas. Uniremos todas as coisas juntas e tu tomarás interesse de minhas coisas como se fossem tuas, e assim farei Eu das tuas. Não haverá mais entre nós dois, isto é meu e isto é teu, mas tudo será comum de ambas as partes.

(167) Sabes como fiz contigo? Como um rei quando quer falar com sua esposa rainha, e esta se encontra com suas damas em outras ocupações. O rei, que faz? A toma e a leva dentro de seu quarto, fecha as portas para que nenhum possa entrar a interromper sua conversação e ouvir seus segredos. E assim estando sozinhos, comunicam-se reciprocamente suas aflições e seus consolos. Agora, se algum imprudente fosse bater à porta, a gritar atrás dela e não os deixasse desfrutar em paz de sua conversação, o rei não o tomaria a mal? Assim fiz Eu contigo, e se alguém te quisesse distrair deste estado, também me desgostaria”.

(168) E continuou dizendo-me: “Quero de ti perfeita conformidade à minha Vontade, de tal modo de desfazer tua vontade na minha, desapego absoluto de toda coisa, tanto que tudo o que é terra seja tido por ti como esterco e podridão, que dá horror só ao vê-lo. E isso porque as coisas terrenas, mesmo que não tivesse apego a elas, só em tê-las em torno e olhá-las, ensombrecem as coisas celestiais e impedem realizar o desposório místico que te prometi. Além disso, quero que assim como Eu fui pobre, também me imites na pobreza. Deves considerar-te nesta cama como uma pobrezinha... Os pobres se contentam com o que têm, e agradecem primeiro a Mim, e em seguida a seus benfeitores. Assim tu, contenta-te com o que te é dado, sem pedir nem isto nem aquilo, porque poderia ser um

obstáculo em tua mente, mas com santa indiferença, sem pensar se isso te faria bem ou mal, te submetas à vontade dos demais”.

(169) Isso me custou muito no princípio, especialmente pelas obediências que me dava o confessor. Não sei porque, mas queria que tomasse quinina, e tinha imposto a obediência de que cada vez que vomitasse outras tantas devia voltar a tomar o alimento. Agora, a quinina me estimulava o apetite e às vezes sentia muita fome, tomava o alimento e enquanto o tomava, e às vezes no próprio momento de tomá-lo, pelos contínuos acessos de vômitos estava obrigada a devolvê-lo, e permanecia com a mesma fome de antes. A palavra “pobre” que Jesus me havia dito não me deixava atrever-me a pedir nada, e eu mesma tinha vergonha de pedir. Pensava comigo mesma: “Que dirá a família, vomitou e agora quer comer? Se me dão alguma coisa a tomo, se não, o Senhor se ocupará”. Assim eu passava, feliz de poder oferecer alguma coisa a meu amado Jesus. Isso não durou muito tempo, mas aproximadamente quatro meses. Um dia o Senhor disse-me:

(170) “Pede ao confessor que te dê a obediência de não tomar quinina e de não fazer-te tomar o alimento tantas vezes, que Eu te darei luz”.

(171) Depois veio o confessor e eu lhe disse; e ele disse-me: “Para não mostrar singularidades, de agora em diante quero que tomes o alimento uma só vez ao dia”, e suspendeu também a quinina. Assim fiquei mais tranquila e me passou a fome, mas o vômito não cessou, essa única vez que tomava o alimento era obrigada a devolvê-lo. O Senhor às vezes me dizia que pedisse a obediência de não comer, mas o confessor não me deu jamais esta obediência, dizia-me: “Não importa que vomites, é outra mortificação”.

(172) Eu então o dizia ao Senhor e Ele me dizia: “Quero que faças a petição, mas com santa indiferença. Quero que estejas no que te diz a obediência”.

(173) E assim continuei fazendo. Quando passaram cerca de quarenta dias, que eu considerava pelas palavras que me havia dito o Senhor (por um certo tempo), e que eu assim havia dito ao confessor, os sofrimentos continuavam me surpreendendo diariamente e ele se via obrigado a vir todos os dias. Então o confessor começou a dar-me a obediência de não dever estar mais naquele estado, e acrescentava que se caísse nos sofrimentos ele não viria. Por minha parte me sentia disposta a obedecer, especialmente minha natureza queria libertar-se daquele estar continuamente na cama, que por quão bela fosse, era sempre cama. Aquele ter que sujeitar-se a todos, mesmo nas

coisas mais repugnantes e necessárias à natureza, e estar obrigada a dizê-las aos demais é um verdadeiro sacrifício. Por isso a natureza fez seu ofício, consolou-se toda ao sentir dar esta obediência. Minha alma estava disposta a obedecer, ou a permanecer na cama, se o Senhor assim o quisesse, porque havia começado a experimentar quão bom havia sido o Senhor comigo e que a verdadeira resignação sabe mudar a natureza às coisas e o amargo o converte em doce.

(174) Quando me deu a obediência de não ter que estar mais na cama, eu comecei a resistir e dizia ao Senhor: “Que queres de mim? Não posso mais, porque a obediência não quer, mas se Tu queres, dai luz ao confessor, então eu estou disposta a fazer o que queres”. E passei toda uma noite discutindo com o Senhor. Quando vinha, dizia-lhe: “Meu amado Jesus, tem paciência, não venhas, porque a obediência não permite que me faças participar em teus sofrimentos”. Até que pela manhã eu venci. Sentia-me livre de sofrimentos, quando em um instante veio o Senhor e me atraiu de tal maneira a Si, que não pude resistir-lhe, perdi os sentidos, e me encontrei junto com Ele, mas tão estreitada que por quanta oposição fazia, não pude separar-me de Jesus. Estando com Jesus eu me sentia toda aniquilada, e tinha uma certa vergonha por tantas oposições que lhe havia feito durante a noite, e lhe disse: “Esposo Santo, perdoa-me, é o confessor que assim o quer”. E Ele me disse:

(175) “Não temas, quando é a obediência Eu não me ofendo”. E continuou: “Vem, vem a Mim, hoje é ano novo, quero dar-te teu presente”.

(176) (Justo aquela manhã era o primeiro dia do ano). Então aproximou seus puríssimos lábios aos meus e verteu um leite dulcíssimo, beijou-me e tomou um anel de dentro do Seu Lado, e disse-me:

(177) “Hoje quero te fazer ver o anel que te preparei para quando te desposar”. Depois disse-me: “Diz ao confessor que é minha Vontade que continues estando na cama, e como sinal de que sou Eu, diz-lhe que há guerra entre Itália e África, e que se ele te dá a obediência de continuar sofrendo, não deixarei fazer nada a ambas as partes, se porão em paz”.

(178) “No mesmo instante de dizer estas palavras, senti-me circundada por sofrimentos como por uma veste, e por mim mesma não pude liberar-me, pensava comigo mesma: “Que dirá o confessor?”. Porém não estava mais em meu poder. Aquele leite que Jesus verteu em mim produzia tal amor a Ele, que me sentia esmorecer, e sentia tanta saciedade e doçura, que depois que

veio o confessor e me fez voltar daquele estado, e a família me levou alimento. Sentia-me tão satisfeita, que o alimento não descia, mas para cumprir a obediência que assim queria, tomei um pouco, mas logo fui obrigada a devolvê-lo, mesclado com aquele leite que me havia dado Jesus. E Ele, como que brincando, disse-me:

(179) “Não te bastou o que te dei? Não estás satisfeita ainda?”. Eu ruboresci toda, mas rápido lhe disse: “Que queres de mim? É a obediência”. Quando veio o confessor, começou a inquietar-se e a dizer-me que era desobediente, ou então dizia-me: “É uma enfermidade, se fosse coisa de Deus, te havia feito obedecer. Por isso, em vez de chamar ao confessor deves chamar aos médicos”. Quando ele terminou de falar, eu lhe disse tudo o que me havia dito o Senhor, como disse acima, e ele me disse que era verdade que havia guerra entre África e Itália, e disse: “Veremos se nada acontecer”. E assim ficou persuadido de fazer-me continuar sofrendo.

(180) Depois de cerca de quatro meses, um dia veio o confessor e me disse que haviam chegado notícias de que a guerra que havia entre África e Itália, sem fazer-se nenhum dano entre elas, havia terminado, firmando a paz. Assim o confessor ficou mais persuadido e me deixou em paz.

(181) Então meu doce Jesus não fazia outra coisa que me dispor a aquele místico desposório que me havia prometido. Fazia-se ver, estando eu naquele estado, às vezes três ou quatro vezes ao dia, segundo lhe agradava, e às vezes era um contínuo ir e vir, parecia-me um apaixonado que não sabe estar sem sua esposa. Assim fazia Jesus comigo, e às vezes chegava a dizer-me:

(182) “Olha, te amo tanto que não sei estar se não venho. Sinto-me quase inquieto, pensando que tu estás sofrendo por Mim e que estás sozinha, por isso vim para ver se tens necessidade de alguma coisa”.

(183) E enquanto assim dizia, Ele mesmo me levantava a cabeça, punha seu braço detrás de meu pescoço e me abraçava, e enquanto assim me tinha, me beijava, e se era tempo de verão, e fazia calor, de sua boca mandava um hálito refrescante, ou bem tomava alguma coisa em sua mão e me abanava e depois me perguntava:

(184) “Como te sentes? Não te sentes melhor?”.

(185) Eu lhe dizia: “Em qualquer modo em que se está Contigo, se está sempre bem”. Outras vezes vinha, e se me via muito débil pelo contínuo estar naqueles sofrimentos, especialmente se o confessor vinha na noite, meu amante Jesus vinha, e vendo-me naquele estado de extrema debilidade, tanto que às vezes me

sentia morrer, se aproximava a mim e de sua boca vertia na minha aquele leite, ou então me fazia ficar ao seu lado e eu chupava torrentes de doçuras, de delícias e de fortaleza, e Ele me dizia:

(186) “Quero ser propriamente Eu teu tudo, e também teu alimento da alma e do corpo”.

(187) Quem pode dizer o que eu experimentava, tanto na alma como no corpo, por estas graças que Jesus me fazia? Se eu o quisesse dizer me estenderia demasiado. Recordo que às vezes quando não vinha logo, me lamentava com Ele dizendo-lhe: “Ah, Esposo Santo, como me fizeste esperar, tanto que não podia resistir mais, me sentia morrer sem Ti”. E enquanto assim dizia, era tanta a aflição que sentia que chorava, e Ele se compadecia todo de mim, enxugava-me as lágrimas, beijava-me, abraçava-me e dizia:

(188) “Não quero que chores. Olha, agora estou contigo, diz-me o que queres”.

(189) Eu lhe dizia: “Não quero outra coisa que a Ti, e só deixarei de chorar quando me prometeres que não me farás esperar tanto”.

(190) E Ele me dizia: “Sim, sim, te contentarei”.

(191) Um dia, enquanto estávamos nisso, e era tanta a dor que sentia que não podia deixar de chorar, meu bom Jesus me disse:

(192) “Quero contentar-te em tudo, sinto-me tão atraído a ti, que não posso fazer menos que fazer o que tu queres. Se até agora te tirei a vida exterior e me manifestei a ti, agora quero atrair tua alma a Mim, a fim de que por todas as partes que Eu for, possas vir junto Comigo. Assim poderás desfrutar mais e estreitar-te mais intimamente a Mim, o que não fizeste no passado”.

(193) Uma manhã, não recordo muito bem, creio que haviam passado cerca de três meses desde que comecei a ficar continuamente na cama, enquanto estava em meu acostumado estado, veio meu doce Jesus com um aspecto todo amável, como um jovem, com a idade de cerca de dezoito anos. Oh como era belo! Com seus cabelos dourados e todos encaracolados, parecia que encadeava os pensamentos, os afetos, o coração. Sua fronte serena e ampla, onde se olhava como dentro de um cristal o interior de sua mente, e se descobria sua infinita sabedoria, sua paz imperturbável. Oh como sentia tranquilizar minha mente, meu coração. De fato, minhas próprias paixões diante de Jesus caíam por terra e não se atreviam a dar-me a mínima moléstia. Eu creio, não sei se me equivoco, que não se pode ver a este Jesus tão belo se não se está na calma mais profunda, tanto que o mínimo indício de intranquilidade impede ter

uma vista tão bela. Ah sim! Só ao ver a serenidade de sua fronte adorável, é tanta a infusão de paz que se recebe no interior, que creio que não há desastre, guerra mais feroz que diante de Jesus não se acalme. Ó meu tudo e belo Jesus, se por poucos momentos em que te manifestas nesta vida comunicas tanta paz, de modo que se podem sofrer os mais dolorosos martírios, as penas mais humilhantes, com a mais perfeita tranquilidade, parece-me uma mescla de paz e de dor, que será no Paraíso? Oh, como são belos seus olhos puríssimos, cintilantes de luz, não é como a luz do Sol que querendo vê-la, ofende a nossa visão, não, em Jesus enquanto é luz, se pode muito bem fixar o olhar, e só com olhar o interior de sua pupila, de uma cor azul-escuro, oh, quantas coisas me dizia . É tanta a beleza de seus olhos, que um só olhar seu basta para fazer-me sair fora de mim mesma, e fazer-me correr atrás d'Ele por caminhos e por montanhas, pela terra e pelo céu. Basta um só olhar para transformar-me n'Ele e sentir descer em mim algo de Divino. Quem pode dizer, além disso, a beleza de seu Rosto adorável? Sua tez branca parecida com a neve tingida de uma cor de rosas, das mais belas. Em suas bochechas rosadas se descobre a grandeza de sua pessoa, um aspecto majestosíssimo e todo Divino, que infunde temor e reverência, e ao mesmo tempo dá tanta confiança, que quanto a mim jamais encontrei pessoa alguma que me dê ao menos uma sombra da confiança que dá meu amado Jesus, nem em meus pais, nem nos confessores, nem em minhas irmãs. Ah sim, este Rosto santo, enquanto é tão majestoso, ao mesmo tempo é tão amável, e essa amabilidade atrai tanto, de modo que a alma não tem a mínima dúvida de ser acolhida por Jesus, por quão feia e pecadora se veja. Belo é também seu nariz afilado, proporcional a seu Sacratíssimo Rosto. Graciosa é sua boca, pequena, mas extremamente bela, seus lábios finíssimos de uma cor escarlate. Enquanto fala contém tanta graça, que é impossível poder descrevê-lo. É doce a voz de meu Jesus, é suave, é harmoniosa, enquanto fala sai de sua boca um perfume tal, que parece que não se encontra sobre a terra. É penetrante, de modo que penetra tudo, sente-se descer pelo ouvido ao coração, e oh, quantos afetos produz, mas quem pode dizer tudo? Aliás, é tão agradável que creio que não se podem encontrar outros prazeres como os que se podem encontrar em uma só palavra de Jesus. A voz de meu Jesus é potentíssima, é operante, e no mesmo ato que fala faz o que diz. Ah sim, é bela sua boca, porém mostra mais sua formosa graça no ato de falar. Então se veem seus dentes tão nítidos e bem alinhados, e exala

seu sopro de amor que incendeia, resplandece, consome o coração. Belas são suas mãos, suaves, brancas, delicadíssimas, com seus dedos proporcionais, e os move com uma maestria tal, que é um encanto. Oh, como és belo, todo belo, ó meu doce Jesus! O que disse de tua beleza é nada, e mais, parece-me que disse muitos desatinos, mas que queres de mim? Perdoa-me, é a obediência que assim o quer. Por mim não me haveria atrevido a dizer nenhuma palavra, conhecendo minha incapacidade.

(194) Agora, enquanto via a Jesus com o aspecto já descrito, de sua boca me enviou um sopro que me investia toda a alma, e me parecia que Jesus me atraía com esse sopro atrás d'Ele e comecei a sentir que a alma saía do corpo. A sentia realmente sair de todas as partes, da cabeça, das mãos e até dos pés. Sendo esta a primeira vez que me acontecia. Dentro de mim comecei a dizer: "Agora morro, o Senhor veio para me levar". Quando me vi fora do corpo, a alma tinha a mesma sensação do corpo, com esta diferença, que o corpo contém carne, nervos e ossos, a alma não, é um corpo de luz. Portanto, senti um temor, mas Jesus continuava enviando-me aquele sopro e disse-me:

(195) "Se tanto te causa dor o estar privada de Mim, agora vem junto Comigo porque quero te consolar".

(196) E Jesus tomou seu voo e eu tomei o meu junto a Ele. Giramos por toda a abóbada do céu. Oh! Como era belo passear junto com Jesus, ora apoiava a cabeça sobre seu ombro e com um braço detrás de Suas costas e com a outra mão em Sua mão, ora se apoiava Jesus em mim. Quando chegávamos a certos lugares onde a iniquidade mais abundava, oh, quanto sofria meu bom Jesus! Eu via com mais claridade os sofrimentos de seu coração adorável, o via quase desfalecer, e lhe dizia: "Apoia-te em mim e faz-me partícipe de Tuas penas, pois não resiste minha alma ao ver-te sofrer sozinho". E Jesus me dizia:

(197) "Minha amada, ajuda-me que não posso mais".

(198) E enquanto assim dizia aproximava seus lábios aos meus e vertia uma amargura tal, que sentia penas mortais quando entrava em mim aquele licor tão amargo. Sentia entrar como tantas facas, pontas, flechas que me transpassavam de lado a lado. Em suma, em todos meus membros se formava uma dor atroz e voltando a alma ao corpo dava participação destes sofrimentos ao corpo. Quem pode dizer as penas? Só o próprio Jesus que era testemunha, porque os demais não podiam mitigar minhas penas estando naquele estado de perda dos sentidos, e se esperava quando estava presente o confessor, porque também com a obediência se mitigavam. Portanto, só Jesus me podia

ajudar quando via que minha natureza não podia mais e que chegava propriamente aos extremos e não me restava mais que dar o último suspiro. Oh, quantas vezes a morte há zombado de mim, mas virá um dia em que eu zombarei dela! Então vinha Jesus, me tomava entre seus braços, me aproximava ao seu coração, e oh, como me sentia regressar a vida. Depois, de seus lábios vertia um licor dulcíssimo, e assim se mitigavam as penas. Outras vezes, enquanto me levava junto com Ele girando, se eram pecados de blasfêmias, contra a caridade e outros, vertia aquele amargo venenoso. Se eram pecados de desonestidade, vertia uma coisa de podridão fedorenta, e quando voltava a mim mesma, sentia tão bem aquele mau cheiro, e era tanto aquele fedor que me revolia o estômago e me sentia desfalecer. E às vezes tomando o alimento, quando o devolia, sentia que saía de minha boca aquela podridão mesclada com o alimento. Alguma vez me levava às igrejas, e também aí meu bom Jesus era ofendido. Oh, como chegavam mal a seu coração aquelas obras, santas, sim, mas feitas descuidadamente, aquelas orações vazias de espírito interior, aquela piedade fingida, aparente, parecia que mais insultavam a Jesus em vez de dar-lhe honra. Ah! Sim, aquele Coração santo, puro, reto, não podia receber essas obras tão mal feitas. Oh! Quantas vezes se lamentava dizendo:

(199) “Filha, também a gente que se diz devota, olha quantas ofensas me fazem, mesmo nos lugares mais santos, ao receber os próprios Sacramentos, em vez de sair purificados saem mais manchados”.

(200) Ah! Sim, quanta pena dava a Jesus ver gente que comungava sacrilegamente, sacerdotes que celebravam o Santo Sacrifício da missa em pecado mortal, por costume, e alguns, dá horror dizê-lo, por fins de interesse. Oh! Quantas vezes meu Jesus me fez ver estas cenas tão dolorosas. Quantas vezes, enquanto o sacerdote celebrava o Sacrossanto Mistério, Jesus era obrigado a descer, porque era chamado pela potestade sacerdotal, às mãos do sacerdote. E se viam aquelas mãos que gotejavam podridão, sangue, ou manchadas de lama. Oh! Como dava compaixão o estado de Jesus, tão santo, tão puro, naquelas mãos que davam horror só de olhá-las. Parecia que Jesus queria fugir daquelas mãos, mas era obrigado a permanecer até que se consumissem as espécies do pão e do vinho. Às vezes, enquanto permanecia aí, com o sacerdote, ao mesmo tempo vinha apressadamente a mim e se lamentava, e antes que eu o dissesse, Ele mesmo me dizia:

(201) “Filha, deixa-me derramar em ti, porque não posso mais, tem compaixão de meu estado que é demasiado doloroso, tem paciência, soframos juntos”.

(202) E enquanto isso dizia, derramava de sua boca na minha, mas quem pode dizer o que derramava? Parecia um veneno amargo, uma podridão fedorenta, mesclada com um alimento tão duro, repugnante e nauseante, que às vezes eu não podia tragar. Quem pode dizer os sofrimentos que me produzia este derramar de Jesus? Se Ele mesmo não houvesse me sustentado, certamente haveria morrido vítima disso. Contudo, só derramava em mim a mínima parte, que será de Jesus que contém tanto e tanto? Oh, como é feio o pecado! Ah! Senhor, fazei-o conhecer a todos, a fim de que todos fujam deste monstro tão horrível. Mas enquanto via estas cenas tão dolorosas, outras vezes me fazia ver também cenas tão consoladoras e belas, que raptavam, e estas eram ver a bons e santos sacerdotes, que celebravam os Sacrossantos Mistérios. Oh Deus, como é alto, grande, sublime seu mistério! Como era belo ver ao sacerdote que celebrava a missa e a Jesus transformado nele. Parecia que não o sacerdote, mas que o próprio Jesus celebrava o Divino Sacrifício. E às vezes fazia desaparecer de todo ao sacerdote e Jesus sozinho celebrava a missa e eu o escutava. Oh, como era comovedor ver a Jesus recitar aquelas orações, fazer todas aquelas cerimônias e movimentos que faz o sacerdote! Quem pode dizer quão consolador me era ver estas missas junto com Jesus? Quantas graças recebia, quantas luzes, quantas coisas compreendia! Mas como são coisas passadas e não as recordo claramente, por isso as passo em silêncio.

(203) Mas enquanto isso dizia, Jesus se moveu em meu interior, chamou-me, e não quer que deixe isso em silêncio. Ah, Senhor, quanta paciência se necessita Contigo! Pois bem, te contentarei. Oh! Doce amor, direi alguma pequena coisa, mas dá-me tua graça para poder manifestá-lo, porque por mim não me atrevera a pôr nem uma palavra sobre mistérios tão profundos e sublimes.

A Santa Missa. Que é a Missa.

(204) Agora, enquanto via a Jesus ou ao sacerdote que celebrava o Divino Sacrifício, Jesus me fazia entender que na missa está todo o fundamento de nossa sacrossanta religião. Ah! Sim, a missa nos diz tudo e nos fala de tudo. A missa nos recorda nossa Redenção, nos fala detalhadamente das penas que Jesus

sofreu por nós, nos manifesta também seu Amor imenso que não esteve satisfeito em morrer sobre a cruz, mas que quis continuar o estado de vítima na Santíssima Eucaristia. A missa nos diz também que nossos corpos desfeitos, reduzidos a cinzas pela morte, ressurgirão no dia do juízo junto com Cristo à vida imortal e gloriosa. Jesus me fazia compreender que a coisa mais consoladora para um cristão e os mistérios mais altos e sublimes de nossa santa religião são: Jesus no Sacramento e a ressurreição de nossos corpos à glória. São mistérios profundos que os compreenderemos só mais além das estrelas, mas Jesus no Sacramento nos faz quase tocar com a mão em vários modos. Em primeiro lugar sua Ressurreição; em segundo o seu estado de aniquilamento sob aquelas espécies. Mas também é certo que está nelas vivo e verdadeiro, porém consumidas essas espécies, sua real presença não existe mais. Depois, consagradas as espécies de novo, Jesus adquire novamente seu estado Sacramental. Assim, Jesus no Sacramento nos recorda a ressurreição de nossos corpos à glória, e assim como Jesus, cessando seu estado Sacramental reside no seio de Deus, seu Pai, assim nós, cessando nossa vida, nossas almas vão fazer sua morada no Céu, no seio de Deus, e nossos corpos ficam consumidos, assim que se pode dizer que não existem mais. Porém, depois com um prodígio da Onipotência de Deus, nossos corpos adquirirão nova vida, e unindo-se com a alma irão juntos a gozar a bem-aventurança eterna. Pode-se dar coisa mais consoladora para o coração humano, que não só a alma, mas também o corpo deve deleitar-se na eterna felicidade? Parece-me que naquele grande dia sucederá como quando o céu está estrelado e sai o Sol, que sucede? O Sol, com sua imensa luz absorve as estrelas e as faz desaparecer, mas as estrelas existem. O Sol é Deus e todas as almas bem-aventuradas são estrelas. Deus com sua imensa luz nos absorverá a todos em Si, de modo que existiremos em Deus e nadaremos no mar imenso de Deus. Oh, quantas coisas nos diz Jesus no Sacramento! Mas quem pode dizê-las todas? Certamente me estenderia demasiado. Se o Senhor o permitir, reservarei para outra ocasião dizer alguma outra coisa.

Desposório. O desposório com Jesus.

(205) Ora, nestas saídas do corpo que o Senhor me fazia fazer, às vezes me renovava a promessa do desposório já dito. Quem pode dizer os ardentes desejos que o Senhor infundia em mim de

que se efetuasse este místico desposório? Muitas vezes lhe rogava dizendo-lhe: “Esposo dulcíssimo, faça logo, não demores mais minha íntima união Contigo. Ah! Estreitemo-nos com vínculos mais fortes de amor, de modo que ninguém nos possa separar nem por poucos instantes”. E Jesus ora me corrigia de uma coisa, ora de outra. Recordo que um dia me disse:

(206) “Tudo o que é terreno, tudo, tudo deves tirar, não só de teu coração, mas também de teu corpo. Tu não podes entender quão daninho é e que impedimentos são a meu Amor, mesmo as mínimas sombras terrenas”.

(207) Eu em seguida lhe disse: “Se tenho alguma coisa que tirar, diga-me, porque estou disposta a fazê-lo”. Mas enquanto isso dizia, eu mesma notei que tinha um anel de ouro no dedo que representava a imagem do Crucificado, e imediatamente lhe disse: “Esposo Santo, queres que o tire?”. E Ele me disse:

(208) “Devendo te dar Eu um anel mais precioso, mais belo, e no qual ao vivo estará impressa minha imagem, tanto que cada vez que o vejas, novas flechas de amor receberá teu coração, por isso, este anel não é necessário”.

(209) E eu prontamente o tirei. Finalmente chegou o suspirado dia, depois de não pouco sofrer. Recordo que faltava pouco para completar o ano de estar continuamente na cama, era dia da pureza de Maria Santíssima. Na noite precedente desse dia, meu amante Jesus se fez ver em atitude festiva, aproximou-se de mim e tomou meu coração entre suas mãos e o olhou e olhou, o desempoeirou e depois de novo o restituiu a mim. Depois tomou uma veste de imensa beleza, parecia-me que o fundo era como uma pedra de ouro estriado de várias cores, e me vestiu com ela. Depois tomou duas gemas preciosas, como se fossem brincos e os colocou em minhas orelhas. Então adornou-me o pescoço e os braços, e cingiu-me a fronte com uma coroa de imenso valor, adornada de pedras e gemas preciosas, toda resplandecente de luz, e parecia-me que essas luzes eram tantas vozes que ressoavam entre elas e a claras notas falavam da beleza, potência, força e de todas as outras virtudes de meu Esposo Jesus. Quem pode dizer o que compreendi e em que mar de consolo nadava minha alma? É impossível poder dizê-lo. Agora, enquanto Jesus me cingiu a fronte me disse:

(210) “Esposa dulcíssima, esta coroa a ponho em ti a fim de que nada falte para fazer-te digna de ser minha esposa, mas depois que se realizar nosso matrimônio, eu a levarei ao Céu; reservai-a para ti, para o momento da morte”.

(211) Finalmente tomou um véu e com ele me cobriu toda, desde a cabeça até os pés e assim me deixou. Ah! Parecia-me que naquele véu havia um grande significado, porque os demônios ao ver-me coberta com ele ficaram tão espantados e sentiam tal medo, que fugiam aterrorizados. Os próprios anjos estavam a meu redor com tal veneração que eu mesma ficava confusa e toda cheia de vergonha.

(212) Na manhã daquele dia, Jesus se fez ver de novo todo afável, doce e majestoso, junto com sua Mãe Santíssima e santa Catarina. Primeiro os anjos cantaram um hino, santa Catarina me assistia, a Mamãe me tomou a mão e Jesus pôs em meu dedo um anel. Depois nos abraçamos e me beijou, e assim fez também a Mamãe. Depois tivemos um colóquio todo de amor, Jesus me falava do grande amor que me tinha, e eu dizia a Ele também do amor com o qual O queria. A Santíssima Virgem me fez compreender a grande graça que havia recebido e a correspondência que devia dar ao Amor de Jesus.

(213) Meu esposo Jesus me deu novas regras para viver mais perfeitamente, mas como há passado muito tempo, não as recordo muito bem, por isso não as digo. E assim terminou aquele dia.

(214) Quem pode dizer as finezas de amor que Jesus fazia à minha alma? Eram tais e tantas, que é impossível descrevê-las, mas o pouco que recordo tratarei de dizê-lo. Às vezes transportando-me com Ele, levava-me ao Paraíso, e lá escutava os cânticos dos bem-aventurados, via a Divindade, aos diversos coros dos anjos, as ordens dos santos, todos imersos, absorvidos e identificados na Divindade de Deus. Parecia-me que em torno ao trono havia muitas luzes, como se fossem mais que sóis resplandecentes e as claras notas estas luzes denotavam todas as virtudes e os atributos de Deus. Os bem-aventurados refletindo-se em uma destas luzes ficavam raptados, mas não chegavam a penetrar toda a imensidão daquela luz, de modo que passavam a uma segunda luz sem compreender a fundo a primeira. Assim, os bem-aventurados no Céu não podem compreender perfeitamente a Deus, porque é tanta a Imensidão, a Grandeza, a Santidade de Deus, que mente criada não pode compreender um Ser incriado. Ora, os bem-aventurados refletindo-se nestas luzes, parecia-me que vinham a participar nas virtudes destas luzes. Assim, a alma no Céu se assemelha a Deus, com esta diferença: Que Deus é aquele Sol grandíssimo, e a alma é um pequeno Sol. Mas quem pode dizer tudo o que naquela santa morada se compreende? Enquanto a alma se encontra neste cárcere do corpo é impossível,

enquanto na mente se escuta algo, os lábios não encontram palavras para poder se explicar. Parece-me como uma criança que começa a balbuciar, que quisera dizer tantas e tantas coisas, mas ao fim resulta que não sabe dizer uma única palavra clara, por isso ponho ponto sem ir mais longe. Somente direi que às vezes, enquanto me encontrava naquela bem-aventurada pátria, passeava junto com Jesus no meio dos coros dos anjos e dos santos, e como eu era nova esposa, todos os bem-aventurados se uniam conosco para participar nas alegrias de nosso desposório. Parecia-me que esqueciam seus contentamentos para cuidar dos nossos, e Jesus me mostrava aos santos dizendo-lhes:

(215) “Vejam esta alma, é um triunfo de meu Amor, meu Amor tudo há superado nela”.

(216) Outras vezes me fazia ficar no lugar que me tocava e me dizia: “Este é teu lugar, ninguém pode tirá-lo de ti”. E às vezes eu chegava a crer que não devia voltar mais à Terra, mas em um simples instante me encontrava encerrada no muro deste corpo. Quem pode dizer quão amargo me era este regressar? Parecia-me, pelas coisas do Céu, que as desta Terra, tudo era podridão, insípido, fastidioso. As coisas que tanto deleitam aos demais, para mim eram amargas, as pessoas mais amadas, mais respeitáveis, que os demais quem sabe o que haveriam feito para entreter-se com elas, a mim eram indiferentes e até irritantes. Somente vendo-as como imagens de Deus me parecia que podia suportá-las. Mas minha alma havia perdido toda satisfação, nenhuma coisa lhe dava a menor sombra de contentamento, e era tanta a dor que sentia que não fazia mais que chorar e lamentar-me com meu amado Jesus. Ah! Meu coração vivia inquieto, entre contínuas ânsias e desejos, eu o sentia mais no Céu que na Terra, sentia em meu interior uma coisa que me roía continuamente, tanto, que era amargo e doloroso para mim ter que continuar vivendo. Mas a obediência pôs um freio a estas minhas penas, mandando-me que absolutamente não desejasse morrer, e que só devia morrer quando o confessor me desse a obediência. Então para cumprir esta santa obediência fazia quanto mais podia para não pensar nisso, porque meu interior era uma contínua jaculatória de desejos de querer-me ir. Assim, em grande parte meu coração se tranquilizou, mas não de todo. Confesso a verdade, muito faltei nisso, mas que podia fazer? Não sabia deter-me, para mim era um verdadeiro martírio. Meu benigno Jesus me dizia:

(217) “Acalma-te, qual é a coisa que tanto te faz desejar o Céu?”.

(218) E eu lhe dizia: “Porque quero estar sempre unida Contigo, minha alma não resiste mais estar separada de Ti, nem por um só dia, nem sequer por um momento, por isso a qualquer custo quero ir”.

(219) “Pois bem”. Dizia-me. “Se é por Mim, quero te contentar, virei a estar contigo”.

(220) Eu lhe dizia: “Mas logo me deixas e eu te perco de vista. Ao contrário, no Céu não é assim, lá jamais te perderei de vista”.

(221) Às vezes também Jesus queria brincar, e eis aqui como: Enquanto estava com estas ânsias, vinha com pressa e dizia-me: “Queres vir?”. E eu lhe dizia: “Onde?”. E Ele: “Ao Céu”. E eu: “Diz-me de verdade?”. E Ele: “Apressa-te, vem, não tardes”. E eu: “Está bem, vamos, mas temo que queiras brincar comigo”. E Jesus: “Não, não, de verdade quero levar-te Comigo”. E enquanto assim dizia, sentia sair minha alma do corpo, e junto com Jesus tomava o voo ao Céu. Oh, como me sentia feliz então, crendo que devia deixar a Terra, a vida me parecia um sonho, o sofrer pouquíssimo! Enquanto chegávamos a um ponto alto do Céu, ouvia o canto dos bem-aventurados. Eu apressava Jesus a me introduzir naquela bem-aventurada morada, mas Jesus foi com calma. Em meu interior começava a suspeitar que não era verdade e dizia: “Quem sabe se não é uma brincadeira que me fez?”. De vez em quando lhe dizia: “Meu Jesus, amado, fazei-o logo”. E Ele me dizia: “Espera outro pouco, desçamos outra vez à Terra. Olha, aí está por perder-se um pecador, vamos, talvez se converta. Peçamos juntos ao Eterno Pai que tenha misericórdia dele. Não queres tu que se salve? Não estás disposta a sofrer qualquer pena pela salvação de uma só alma?”. E eu: “Sim, qualquer coisa que Tu queiras que sofra, estou disposta, contanto que a salves”. Assim íamos a esse pecador, tratávamos de convencê-lo, púnhamos diante de sua mente as mais poderosas razões para rendê-lo, mas em vão. Então Jesus todo aflito me dizia: “Minha esposa, volta outra vez ao teu corpo, toma sobre ti as penas que lhe são merecidas, assim a Divina Justiça, aplacada, poderá usar de misericórdia. Tu viste: as palavras não o abalaram, nem sequer as razões. Não resta outra coisa que as penas, que são os meios mais poderosos para satisfazer a Justiça e para render ao pecador”. Assim me levava de novo ao corpo. Quem pode dizer os sofrimentos que me vinham? Só o Senhor o sabe, que deles era testemunha. Depois de alguns dias me fazia ver aquela alma convertida e salva. Oh, como Jesus estava feliz e eu também.

(222) Quem pode dizer quantas vezes Jesus fez estes jogos? Quando chegava ao ponto de entrar no Céu, e às vezes mesmo depois de haver entrado, ora dizia que não tinha sido dada a obediência do confessor, e por isso era conveniente voltar à Terra, e eu lhe dizia: “Enquanto estive com o confessor, estava obrigada a obedecê-lo, mas agora que estou Contigo, devo obedecer a Ti, porque Tu és o primeiro de todos”. E Jesus me dizia: “Não, não! Quero que obedças ao confessor”. Então, para não alargar-me demasiado, ora por um pretexto, ora por outro, me fazia regressar à Terra.

(223) Muito dolorosos foram para mim estes jogos, basta dizer que me tornei tão impertinente, que o Senhor para castigar minhas impertinências permitia tão frequentemente essas brincadeiras.

Renovação do desposório. Desposório diante da Santíssima Trindade. A instrui sobre a Fé, a Esperança e a Caridade.

(224) Neste estado já mencionado, passei cerca de três anos, e continuava estando na cama. Quando uma manhã Jesus me fez entender que queria renovar o desposório, mas não já na Terra como a primeira vez, mas no Céu, na presença de toda a corte Celestial, assim que estivesse preparada para uma graça tão grande. Eu fiz quanto mais pude para dispor-me, mas que, sendo eu tão miserável e insuficiente para fazer qualquer sombra de bem, se necessitava a mão do Artífice Divino para dispor-me, porque por mim jamais haveria sido capaz de purificar a minha alma.

(225) Uma manhã, era a véspera da Natividade de Maria Santíssima, meu sempre benigno Jesus veio Ele próprio a dispor-me. Não fazia mais que ir e vir continuamente, ora me falava da fé e me deixava, e eu me sentia infundir na alma uma vida de fé. Minha alma rude como a sentia antes, agora, depois do falar de Jesus a sentia levíssima, no modo de penetrar em Deus, e ora olhava a Potência, ora a Santidade, ora a Bondade e outros, e minha alma ficava admirada, em um mar de espanto e dizia: “Deus Poderoso, que potência diante de Ti não fica desfeita? Santidade imensa de Deus, que outra santidade por quão sublime seja, ousará comparecer diante de Tua presença?”. Depois eu me senti descer em mim mesma e via o meu nada, a nulidade das coisas terrenas, como tudo é nada diante de Deus. Eu me via

como um pequeno verme todo cheio de pó, que me arrastava para dar algum passo, e que para destruir-me não se necessita senão que alguém me pusesse o pé em cima e com isso ficava desfeita. Então, vendo-me tão feia, quase não me atrevia a ir diante de Deus, mas ante a minha mente se apresentava sua bondade e me sentia atraída como por um ímã para ir até Ele e dizia comigo mesma: “Se é Santo, também é Misericordioso, se é Poderoso, contém também em Si plena e suma Bondade”. Parecia-me que a bondade O circundava por fora, e O inundava por dentro. Quando olhava a Bondade de Deus me parecia que sobrepassava a todos os demais atributos, mas depois olhando os demais, os via todos iguais em si mesmos, imensos, incomensuráveis e incompreensíveis à natureza humana. Enquanto minha alma estava neste estado, Jesus regressava e falava da Esperança.

(226) Recordo algo confusamente, porque depois de tanto tempo é impossível recordar claramente, mas para cumprir a obediência que assim quer, direi por quanto possa.

(227) Então dizia Jesus, regressando à fé: “Para obtê-la se necessita crer. Assim como na cabeça sem a vista dos olhos tudo é trevas, tudo é confusão, tanto que se quisesse caminhar, ora cairia em um ponto, ora em outro e terminaria com precipitar-se de todo, assim a alma sem fé, não faz outra coisa que ir de precipício em precipício, porque a fé serve de vista à alma e como luz que a guia à vida eterna. Agora, de que é alimentada esta luz da fé? Pela esperança. E de que substância é esta luz da fé e este alimento da esperança? A caridade. Estas três virtudes estão enxertadas entre elas, de modo que uma não pode estar sem a outra”.

(228) De fato, de que serve ao homem crer nas imensas riquezas da fé, se não as espera para ele? As verá, sim, mas com olhar indiferente, porque sabe que não são suas, mas a esperança dá asas à luz da fé, e esperando nos méritos de Jesus Cristo, as olha como suas e vem a amá-las.

(229) “A esperança”, disse Jesus, “dá à alma uma veste de fortaleza, quase de ferro, de modo que todos os inimigos com suas flechas não podem feri-la. E não só feri-la, mas nem sequer causar-lhe a mínima perturbação. Tudo é tranquilidade nela, tudo é paz”. Oh! É belo ver a esta alma investida pela esperança, toda apoiada em seu Amado, toda desconfiada de si, e toda confiante em Deus. Desafia aos inimigos mais ferozes, é rainha de suas paixões, regula todo o seu interior, suas inclinações, os desejos, os batimentos cardíacos, os pensamentos, com uma maestria tal, que o próprio Jesus fica apaixonado, porque vê que esta alma

trabalha com tal coragem e fortaleza. Mas ela os toma e espera tudo d'Ele, tanto que Jesus vendo esta firme esperança, nada sabe negar a esta alma.

(230) Agora, enquanto Jesus falava da esperança, retirava-se um pouco, deixando-me uma luz na inteligência. Quem pode dizer o que compreendia sobre a esperança? Se as outras virtudes, todas servem para embelezar a alma, mas podem nos fazer vacilar e tornar-nos inconstantes, em vez disso, a esperança torna a alma firme e estável, como aquelas montanhas altas que não se podem mover nem um pouco. Parece-me que à alma investida pela esperança lhe acontece como a certas montanhas altíssimas, que todas as intempéries do ar não lhes podem fazer nenhum dano. Acima destas montanhas não penetra nem neve, nem ventos, nem calor, qualquer coisa se poderia colocar sobre elas, e se pode ter certeza que, embora passassem centenas de anos, que aí onde foi colocado, aí se encontra. Assim é precisamente a alma revestida de esperança, nenhuma coisa a pode prejudicar, nem a tribulação, nem a pobreza, nem todos os vários acidentes da vida, a desanimam um instante. Diz consigo mesma: “Eu tudo posso fazer, tudo posso suportar, tudo sofrer esperando em Jesus, que é o objeto de todas minhas esperanças”. A esperança torna a alma quase onipotente, invencível e lhe dá a perseverança final, tanto que, só cessa de esperar e perseverar quando há tomado posse do Reino do Céu. Então, deixa a esperança e mergulha toda no oceano imenso do Amor Divino. Enquanto minha alma se perdia no mar imenso da esperança, meu amado Jesus regressava e falava da caridade, dizendo-me:

(231) “À fé e à esperança se une a caridade, e esta une tudo das outras duas, de modo a formar uma só, enquanto são três. Eis aqui, ó esposa minha, simbolizada nas três virtudes teologais a Trindade das Divinas Pessoas”.

(232) Logo prosseguiu: “Se a fé faz crer, a esperança faz esperar, a caridade faz amar. Se a fé é luz e serve de vista à alma, a esperança que é o alimento da fé dá à alma a coragem, a paz, a perseverança e todo o demais. A caridade que é a substância desta luz e deste alimento, é como aquele unguento dulcíssimo e cheirosíssimo que penetrando por todas as partes, acalma, suaviza as penas da vida. A caridade torna doce o sofrer e faz a alma até chegar a desejá-lo. A alma que possui a caridade espalha odor por todas as partes. Suas obras todas feitas por amor, dão um cheiro agradabilíssimo. E qual é este odor? É o odor do próprio Deus. As outras virtudes tornam a alma solitária e quase rústica com as criaturas. A caridade, por outro lado, sendo

substância que une, une os corações. Mas onde? Em Deus. A caridade sendo unguento cheirosíssimo, se expande por todas as partes e por todos. A caridade faz sofrer com alegria os mais impiedosos tormentos, e chega a não saber estar sem o sofrer, e quando se vê privada dele diz a seu Esposo Jesus: 'Sustenta-me com os frutos, como é o sofrer, porque definho de amor, e de que outra maneira posso te mostrar meu amor, senão no sofrer por Ti?'. A caridade queima, consome todas as outras coisas, e inclusive as próprias virtudes, e converte tudo nela. Em suma, é como rainha que quer reinar em todas as partes, e que não quer ceder este reinar a ninguém”.

(233) Quem pode dizer o que me ficou depois deste falar de Jesus? Digo apenas que se acendeu em mim tal desejo de sofrer, e não só desejo, mas sinto em mim como uma infusão, como uma coisa natural, tanto, que tenho para mim como a maior desgraça o não sofrer. Depois disso, naquela manhã, Jesus para dispor mais meu coração, falou sobre o aniquilamento de mim mesma. Também me falou sobre o desejo grandíssimo que tinha de me estimular para me dispor a receber a graça. Dizia-me que o desejo supre as faltas e imperfeições que possam existir na alma, que é como um manto que cobre tudo. Mas isto não era um falar simplesmente, era um infundir em mim o que dizia.

(234) Enquanto minha alma estava abrasando-se em ardentes desejos de receber a graça que o próprio Jesus queria fazer-me, Ele regressou e me transportou para fora de mim mesma, até o Paraíso, e aí, na presença da Santíssima Trindade e de toda a corte celestial, renovou o desposório. Jesus tirou o anel adornado com três pedras preciosas, branca, vermelha e verde e o entregou ao Pai, que o abençoou e o devolveu ao Filho. O Espírito Santo me tomou a mão direita e Jesus me pôs o anel no dedo anelar. Depois fui admitida ao beijo das Três Divinas Pessoas e me abençoaram.

(235) Quem pode dizer minha confusão quando me encontrei diante da Santíssima Trindade? Só digo que assim que eu me encontrei ante a Sua presença, caí com o rosto por terra e ali haveria permanecido, se não tivesse sido por Jesus, que me animou para ir à Sua presença, tanta era a luz, a santidade de Deus. Só digo isso, as outras coisas as deixo porque as recordo confusamente.

(236) Depois disso, recordo que passaram poucos dias, e ao receber a Comunhão perdi os sentidos e vi a Santíssima Trindade que havia visto no Céu, presente diante de mim. Imediatamente prostrei-me na Sua presença, A adorei, confessei meu nada.

Recordo que me sentia tão abismada em mim mesma, que não me atrevia a dizer uma só palavra, quando uma voz saiu do meio d'Eles e disse:

(237) “Não temas, tomai coragem, viemos para confirmar-te como nossa e tomar posse do teu coração”.

(238) Enquanto essa voz assim dizia, vi que a Santíssima Trindade desceu em meu coração e se apoderou dele e ali formaram Sua sede. Quem pode dizer a mudança que aconteceu em mim? Sentia-me divinizada, não mais vivia eu, mas Eles viviam em mim. Pareceu-me que meu corpo fosse como uma morada, e que dentro habitasse o Deus vivente, porque eu sentia a presença real sensivelmente em meu interior. Ouvia sua voz clara que saía de dentro de meu interior e ressoava nos ouvidos do corpo. Acontecia precisamente como quando há pessoas dentro de um cômodo, que falam e suas vozes se ouvem claras e distintas mesmo de fora.

(239) Desde então, não tive mais a necessidade de ir à Sua procura em outros lugares para encontrá-Lo, mas dentro do meu coração, lá O encontrava. E quando algumas vezes se ocultava e eu ia em busca de Jesus, girando pelo céu e pela terra, buscando a meu sumo e único Bem, enquanto me encontrava no calor das lágrimas, na intensidade dos desejos, nas penas inenarráveis por havê-Lo perdido, Jesus saía de dentro de meu interior e me dizia:

(240) “Estou aqui contigo, não Me busques em outra parte”.

(241) Eu, entre o espanto e a alegria de havê-Lo encontrado Lhe dizia: “Meu Jesus, como toda esta manhã me fizeste girar e girar tanto para encontrar-Te e estavas aqui? Poderias ao menos haver-me dito, assim não haveria me esforçado tanto. Meu Doce Bem, minha amada Vida, olha como estou cansada, não tenho mais forças, sinto-me desfalecer. Ah, sustenta-me entre teus braços porque me sinto morrer”. E Jesus me tomava entre Seus braços e me fazia repousar, e enquanto repousava me sentia restituir as forças perdidas.

(242) Outras vezes, nesse ocultamento que Jesus fazia e que eu ia em busca d'Ele, quando se fazia ouvir dentro de mim e que depois saía de dentro de mim não só Jesus, mas as Três Divinas Pessoas, As encontrava ora em forma de três crianças graciosas e sumamente belas, ora um só corpo e três cabeças distintas, mas de uma mesma semelhança, as três igualmente atraentes. Quem pode dizer meu contentamento? Especialmente quando via as três crianças e eu segurava as três entre meus braços. Ora beijava a uma, ora a outra, e Elas me beijavam. Ora uma se apoiava em um ombro meu e outra no outro e uma me ficava de frente. E

enquanto me deleitava n'Elas, com grande espanto fazia por onde olhar, e de Três encontrava a um só.

(243) Outra coisa que me surpreendia quando me encontrava com estas três crianças, era que uma pesava o mesmo que as três juntas. Tanto amor sentia eu por uma destas crianças como pelas três, e as três me atraíam do mesmo modo.

(244) Para terminar de falar destes desposórios, tive que passar por cima de algumas coisas para seguir o fio(da meada), mas agora me disponho a dizê-las.

Desposório da cruz. Fala-lhe deste desposório e narra as crucifixões que sofreu.

(245) Regressando ao princípio, quando Jesus se dignava a vir, frequentemente me falava de Sua Paixão e punha atenção a dispor minha alma à imitação de Sua Vida e de Suas penas, dizendo-me que além do desposório já descrito, ficava outro por fazer, e este era o desposório da Cruz. Recordo que me dizia:

(246) “Minha esposa, as virtudes se tornam débeis se não são corroboradas, fortificadas pelo enxerto da Cruz”. Recordo que dizia: “Antes de minha vinda à Terra, as penas, as confusões, os opróbrios, as calúnias, as dores, a pobreza, as enfermidades, especialmente a cruz, eram consideradas como opróbrios. Mas desde que foram levados por Mim, todos ficaram santificados e divinizados por meu contato, de modo que todos mudaram de aspecto e se tornaram doces, agradáveis, e a alma que tem o bem de ter algum deles fica honrada, e isto porque há recebido a minha insígnia, Filho de Deus. E só experimenta o contrário quem só vê e se detém na casca da cruz, e encontrando o amargo se desgosta, se lamenta e parece que lhe tenha chegado uma desgraça. Mas quem penetra dentro, encontrando o saboroso, ali forma sua felicidade. Minha filha amada, não desejo outra coisa que o crucificar-te na alma e no corpo”.

(247) E enquanto isso dizia, sentia-me infundir tais desejos de ser crucificada com Jesus Cristo, que frequentemente ia repetindo: “Meu Jesus, meu Amor, fazei-o logo, crucifica-me Contigo”. E quando Jesus regressava, as primeiras petições que Lhe fazia e que me pareciam mais importantes eram estas: A dor de meus pecados e a graça que me crucificasse com Ele. Parecia-me que se obtivesse isso, haveria obtido tudo.

(248) Então, uma manhã, meu amantíssimo Jesus apareceu diante de mim Crucificado e disse-me que queria crucificar-me com Ele. E enquanto isso dizia, vi que de Suas Santíssimas Chagas saíram raios de luz, e dentro destes raios, os pregos que vinham a mim. Enquanto estava nisso, não sei porque, enquanto desejava tanto que me crucificasse, tanto que me sentia consumir, fui surpreendida por um grande temor que me fazia tremer da cabeça aos pés, sentia tal aniquilamento de mim mesma, me via tão indigna de receber esta graça, que não me atrevia a dizer: “Senhor, crucifica-me Contigo”. Parecia que Jesus estava em suspenso esperando meu querer. Quem pode dizer como no íntimo de minha alma o desejava ardentemente, mas ao mesmo tempo me via indigna? Minha natureza se assustava e tremia. Enquanto me encontrava nisso, meu amado Jesus intelectualmente me pedia que aceitasse. Então, com todo o coração lhe disse: “Esposo Santo, crucificado por mim, Te peço que me concedas a graça de crucificar-me, e ao mesmo tempo Te peço que não faças aparecer nenhum sinal externo. Sim, dá-me a dor, dá-me as chagas, mas faz que tudo fique oculto entre Tu e eu”.

(249) E assim, aqueles raios de luz junto com os pregos me transpassaram as mãos e os pés, e o coração foi transpassado com um raio de luz junto com uma lança. Quem pode dizer a dor e o contentamento? Por quanto antes fui surpreendida pelo temor, outro tanto depois minha alma nadava no mar da paz, da alegria e da dor. Era tanta a dor que sentia nas mãos, nos pés e no coração, que me sentia morrer. Sentia que os ossos das mãos e dos pés me eram feitos em minúsculos pedaços, sentia como se estivesse um prego dentro, mas ao mesmo tempo me causava tal contentamento, que não sei explicar, e me dava tal força, que enquanto me sentia morrer pela dor, estas mesmas dores me sustentavam para fazer que não morresse. Mas na parte externa do corpo nada aparecia, porém sentia as dores corporalmente. Tanto é verdade, que quando vinha o confessor para chamar-me à obediência e me soltava os braços e as mãos contraídas, cada vez que me tocava nesse ponto das mãos, onde havia transpassado o raio de luz junto com o prego, sentia penas mortais. No entanto, quando o confessor ordenava por obediência que cessassem as dores, muitas se mitigavam, porque estas dores eram tão fortes que me faziam perder os sentidos, e se não se houvessem mitigado ante a obediência, dificilmente me teria prestado a obedecer. Oh! Prodígio da santa obediência, tu hás sido tudo para mim! Quantas vezes encontrei-me em contraste

com a morte, tanta era a força das dores, e a obediência me há quase restituído a vida. Seja sempre bendito o Senhor, seja tudo para sua glória!

(250) Agora, enquanto me sentia em mim mesma, nada via, mas quando perdia os sentidos, via as partes marcadas pelas chagas de Jesus. Parecia-me que as Chagas do próprio Jesus se haviam transmutado para minhas mãos. Essa foi a primeira vez que Jesus me crucificou, porque destas crucifixões houve tantas, que é impossível numerá-las todas, direi somente as coisas principais relacionadas com isso.

(251) Agora, regressando Jesus, eu lhe dizia: “Querido, meu Amado, dá-me a dor de meus pecados, assim, meus pecados consumidos pela dor, pelo arrependimento de haver Te ofendido, podem ser apagados de minha alma e também de Tua memória. Sim, dá-me tanta dor por quanto hei ousado ofender-Te. De fato, faz com que a dor supere isso, assim poderei estreitar-me mais intimamente Contigo”.

(252) Recordo que uma vez, enquanto estava dizendo isso, meu sempre benigno Jesus me disse:

(253) “Já que tanto te desgosta haver-Me ofendido, quero Eu mesmo dispor-te a fazer-te sentir a dor de teus pecados, e assim verás quão feio é o pecado, e que dor cruel sofreu Meu Coração. Por isso, diz junto Comigo: ‘Se passo o mar, no mar Tu estás, embora não Te veja; piso a terra e estás debaixo dos meus pés, pequei’”.

(254) Logo, Jesus, em voz baixa acrescentou, quase chorando:

(255) “No entanto te amei, e ao mesmo tempo te guardei”.

(256) Enquanto Jesus dizia isso e eu o repetia junto com Ele, fui surpreendida por tal dor pelas ofensas feitas, que caí com o rosto por terra e Jesus desapareceu.

(257) Poucas foram as palavras, mas eu entendi tantas coisas, que é impossível dizer tudo o que compreendi. Nas primeiras palavras compreendi a imensidão, a grandeza, a presença de Deus em cada coisa presente, sem que possa escapar d’Ele nem sequer a sombra de nosso pensamento. Compreendi também meu nada em comparação com uma majestade tão grande e santa. Na palavra “pequei”, compreendia a fealdade do pecado, a malícia, a ousadia que eu havia tido ao ofendê-Lo. Agora, enquanto minha alma estava considerando isso, ao ouvir Jesus Cristo dizer: “E, no entanto, te amei e ao mesmo tempo te guardei”, meu coração foi tomado por tal dor, que me sentia morrer, porque compreendia o amor imenso que o Senhor me tinha no próprio ato

em que eu buscava ofendê-Lo, e mesmo matá-Lo. Ah, Senhor, como tens sido bom comigo, e eu sempre ingrata e tão má ainda!

(258) Recordo que cada vez que vinha era um alternar-se, ora lhe pedia a dor de meus pecados e ora a crucifixão, sempre que Ele tinha a bondade de vir, e também outras coisas. Como uma manhã, enquanto me encontrava em meus acostumados sofrimentos, meu amado Jesus me transportou fora de mim mesma e me fez ver a um homem que era assassinado a tiros, e que quando expirasse iria para o inferno. Oh, quanta pena dava a Jesus a perda daquela alma! Se todo o mundo soubesse quanto sofre Jesus pela perda das almas, não digo por elas, mas ao menos para evitar esta pena a Nosso Senhor, usariam todos os meios possíveis para não perder-se eternamente. Agora, enquanto me encontrava junto com Jesus em meio às balas, Jesus aproximou seus lábios a meu ouvido e me disse:

(259) “Minha filha, queres tu oferecer-te vítima pela salvação desta alma e tomar sobre ti as penas que merece por seus grandíssimos pecados?”.

(260) Eu respondi: “Senhor, estou disposta, mas com pacto de que o salves e lhe restituas a vida”. Quem pode dizer os sofrimentos que me chegaram? Foram tais e tantos que eu mesma não sei como fiquei com vida. Agora, enquanto me encontrava nesse estado de sofrimentos há mais de uma hora, veio meu confessor para chamar-me à obediência, e encontrando-me muito sofrida, com dificuldade pude obedecer. Por isso me perguntou a razão de tal estado, eu lhe disse o fato assim como o descrevi acima, dizendo-lhe o ponto da cidade onde me parecia que havia ocorrido. O confessor me disse que era verdade o fato e que o davam por morto, mas depois se soube que estava gravíssimo e que pouco a pouco se restabeleceu e vive ainda. Seja sempre bendito o Senhor.

(261) Recordo que seguindo com minha petição da crucifixão e transportando-me Jesus fora de mim mesma, levou-me aos lugares santos de Jerusalém, onde Nosso Senhor padeceu sua dolorosa Paixão, e ali encontramos muitas cruzes e meu amado Jesus me disse:

(262) “Se tu soubesses que bem contém em si a Cruz, como torna preciosa a alma, que joia de inestimável valor adquire quem tem o bem de possuir os sofrimentos, basta dizer-te somente que vindo à Terra não escolhi as riquezas, os prazeres, mas que tive como amadas e íntimas irmãs a cruz, a pobreza, os sofrimentos e ignomínias”.

(263) Enquanto assim dizia, mostrava um gosto tal, uma alegria pelo sofrimento, que essas palavras me transpassavam o coração como tantos dardos ardentes, tanto que me sentia faltar a vida se o Senhor não me concedia o sofrer, e com toda a força e a voz que tinha não fazia outra coisa que dizer-lhe: “Esposo Santo, dá-me o sofrer, dá-me as cruzes, só com isso saberei que me amas, se me contentas com as cruzes e com os sofrimentos”. E então tomava uma daquelas cruzes maiores que via, e rogava a Jesus que viesse a crucificar-me, e Ele se comprazia em tomar minha mão e começava a transpassá-la com o prego. De vez em quando, o bendito Jesus me perguntava:

(264) “Então, te dói muito? Queres que não continue?”

(265) E eu: “Não, não, meu Amado, continua, dói sim, mas estou contente”. E tinha tal temor que não terminasse de crucificar-me, que não fazia outra coisa que dizer-lhe: “Fazei-o depressa, ó Jesus, fazei-o depressa, não demores tanto”. Mas quando tinha que pregar a outra mão, os braços da cruz eram curtos, enquanto que antes me haviam parecido suficientes para poder crucificar-me. Quem pode dizer como ficava mortificada? Isso se repetia em muitas ocasiões, e às vezes, se os braços da cruz eram adequados, o comprimento da haste não alcançava para poder estender os pés... em uma palavra, faltava sempre alguma coisa para não se poder cumprir de todo a crucifixão. Quem pode dizer a amargura de minha alma e os lamentos que fazia com Nosso Senhor, porque não me concedia o verdadeiro sofrimento? Dizia-lhe: “Meu Amado, tudo termina em ilusão, dizias-me que querias levar-me ao Céu, e logo de novo me fazias voltar à Terra, dizias-me que querias crucificar-me, e jamais chegamos à completa crucifixão”. E Jesus de novo me prometia que ia me crucificar.

+ + +

1-2

14 de setembro de 1899

(1) Uma manhã, era o dia da Exaltação da Cruz, meu doce Jesus me transportou aos lugares santos, mas antes me disse tantas coisas da virtude da Cruz, não recordo tudo, apenas alguma coisa:

(2) “Amada minha, queres ser bela? A Cruz te dará os traços mais belos que se possa encontrar tanto no Céu como na Terra, tanto de apaixonar a Deus, que contém em Si todas as belezas”.

(3) E continuava Jesus: “Queres tu estar cheia de imensas riquezas, não por breve tempo, mas por toda a eternidade? Pois bem, a Cruz te dará todas as espécies de riquezas, desde os mínimos centavos, como são as pequenas cruzes, até as maiores somas, que são as cruzes mais pesadas. No entanto, os homens são tão ávidos por ganhar um dinheiro temporal, que logo deverão deixar, não se preocupam em adquirir um centavo eterno. E quando Eu, tendo compaixão deles, vendo sua despreocupação por tudo o que se refere ao eterno, benignamente lhes levo a ocasião, em vez de apreciá-la, se indignam e Me ofendem. Que loucura humana, parece que a entendem ao contrário! Amada minha, na Cruz estão todos os triunfos, todas as vitórias e as maiores aquisições. Para ti não deve haver outro alvo mais que a Cruz, e esta te bastará por tudo. Hoje quero contentar-te, aquela cruz que até agora não bastava para poder te estender e crucificar-te completamente, é a cruz que tu hás levado até agora. Portanto, devendo te crucificar completamente, tens necessidade de que faça descer novas cruzes sobre ti. Então aquela cruz que até agora hás levado, a levarei ao Céu para mostrá-la a toda a corte celestial como penhor de teu amor, e outra maior farei descer do Céu para poder satisfazer meus ardentes anseios que tenho sobre ti”.

(4) Enquanto Jesus dizia isso, apresentou-se diante de mim aquela cruz que havia visto as outras vezes. Eu a tomei e me estendi sobre ela. Enquanto estava assim, o Céu se abriu e dele desceu o evangelista são João, e trazia a cruz que Jesus me havia indicado. A Rainha Mãe e muitos anjos, quando chegaram junto a mim, tiraram-me de cima daquela cruz e me puseram sobre a que me haviam trazido, muito maior. Um anjo tomou aquela cruz de antes e a levou ao Céu. Depois disso, Jesus com suas próprias mãos começou a pregar-me sobre aquela cruz. A Mamãe Rainha me assistia, os anjos e são João ofereciam os pregos. Meu doce Jesus mostrava tal contentamento e alegria ao crucificar-me, que só por dar este contentamento a Jesus, não só haveria sofrido a cruz, mas outras penas ainda. Ah, parecia-me que o Céu fazia nova festa por mim ao ver o contentamento de Jesus! Muitas almas do purgatório foram liberadas, empreendendo o voo ao Céu, e alguns pecadores foram convertidos, porque meu Divino Esposo a todos fez partícipes do bem de meus sofrimentos. Quem pode dizer, além disso, as dores

intensas que sofri ao estar bem estendida sobre a cruz e ter transpassadas as mãos e os pés com os pregos? Mas especialmente nos pés era tanta a atrocidade das penas, que não se pode descrever. Quando terminaram de crucificar-me e eu me sentia nadar no mar das penas e das dores, a Mamãe Rainha disse a Jesus: “Meu Filho, hoje é dia de graça, quero que lhe compartilhes todas as tuas penas, não resta mais que lhe transpassar o coração com a lança e que lhe renoves a coroa de espinhos”. Então Jesus tomou a lança e me transpassou o coração de lado a lado, os anjos tomaram uma coroa de espinhos bem grossa, deram-na na mão da Santíssima Virgem, e Ela mesma a cravou em minha cabeça.

(5) Que memorável dia foi para mim! De dores, sim, mas também de contentamentos; de penas indizíveis, mas também de alegrias. Basta dizer que era tanta a força das dores, que Jesus por todo aquele dia não se moveu de meu lado para sustentar minha natureza que desfalecia pela intensidade das penas. Aquelas almas do purgatório que haviam voado ao Céu, desciam junto com os anjos e rodeavam minha cama, recreando-me com seus cânticos e agradecendo carinhosamente que por meus sofrimentos as havia liberado daquelas penas.

(6) Logo sucedeu que havendo passado cinco ou seis dias daquelas penas tão intensas, com grande aflição minha, começaram a diminuir. E então solicitava a meu amado Jesus que de novo me renovasse a crucifixão. E Ele, às vezes logo e às vezes não, se comprazia em transportar-me aos lugares santos e me compartilhava as penas de sua dolorosa Paixão. Ora a coroa de espinhos, ora a flagelação; ora levava a cruz ao calvário, e ora a crucifixão. Às vezes um mistério ao dia e, às vezes, tudo em um dia, segundo Lhe agradava, e isso era para a minha alma de suma dor e contentamento. Mas me resultava amarguíssimo quando se mudava a cena, e em vez de sofrer eu, era eu espectadora de ver sofrer a meu amadíssimo Jesus as penas da dolorosa Paixão. Ah, quantas vezes me encontrava no meio dos judeus, junto com a Mamãe Rainha, para ver sofrer a meu amado Jesus! Ah, sim, como é verdade que é mais fácil sofrer a própria pessoa, que ver sofrer a pessoa amada! Outras vezes, renovando meu doce Jesus essas crucifixões, recordo que me disse:

(7) “Amada minha, a Cruz faz distinguir aos réprobos dos predestinados. Assim como no dia do juízo os bons se alegrarão ao ver a Cruz, assim desde agora se pode ver se algum se salvará ou se perderá. Se ao apresentar-se a Cruz, a alma a abraça, a leva com resignação, com paciência e beija e agradece

a mão que a envia, é sinal de que está salva. Se, ao contrário, ao apresentar-se a Cruz se irritam, a depreciam e chegam até a ofender-Me, podes dizer que é um sinal de que essa alma se encaminha pela via do inferno. Assim farão os réprobos no dia do juízo, que ao ver a Cruz se afligirão e blasfemarão. A Cruz diz tudo. A Cruz é um livro que sem engano e a claras notas te diz e te faz distinguir o santo do pecador, o perfeito do imperfeito, o fervoroso do tíbio. A Cruz comunica tal luz à alma, que desde agora, não só faz distinguir o bom do réu, mas faz conhecer quem será mais ou menos glorioso no Céu, quem deve ocupar um lugar superior ou um lugar menor. Todas as outras virtudes estão humildes e reverentes ante a virtude da Cruz, e enxertando-se com ela recebem maior brilho e esplendor”.

(8) Quem pode dizer que chamas de desejos ardentes punha em meu coração esse falar de Jesus? Sentia-me devorar pela fome de sofrer, e Ele para satisfazer minhas ânsias, ou para dizê-lo melhor, o que Ele mesmo me infundia, renovava-me a crucifixão.

(9) Recordo que às vezes, depois de renovadas estas crucifixões me dizia:

(10) “Amada de meu Coração, desejo ardentemente não só crucificar-te a alma e comunicar-te as dores da Cruz ao corpo, mas desejo selar-te também o corpo com o selo de minhas Chagas, e quero ensinar-te a oração para obter esta graça. A oração é esta: “Eu me apresento diante do trono supremo de Deus, banhada no Sangue de Jesus Cristo, pedindo-Lhe que pelo mérito de suas elevadíssimas virtudes e de sua Divindade, conceda-me a graça de crucificar-me”.

(11) E eu, apesar de que sempre tive aversão a tudo o que pode aparecer exteriormente, como ainda a tenho, no ato em que Jesus dizia isso, sentia-me infundir tal anelo de satisfazer o desejo que Ele mesmo expressava, que também eu me atrevia a dizer a Jesus que me crucificasse a alma e o corpo, e algumas vezes lhe dizia: “Esposo Santo, coisas exteriores não queria, e se alguma vez me atrevo a dizê-lo, é porque Tu mesmo o dizes, e também para dar um sinal ao confessor de que és Tu mesmo que atuas em mim. Além disso, não quisera outra coisa, senão que aquelas dores que me fazem sofrer quando me renovas a crucifixão, fossem permanentes, não quisera essa diminuição depois de algum tempo, e só isso me basta, e que da aparência externa, por quanto mais o possas manter oculto, tanto mais me contentarás”.

Confissão com Jesus. Luísa se confessa com Jesus.

(12) Recordo confusamente que como Lhe pedia frequentemente, quando me encontrava junto com Nosso Senhor, a dor de meus pecados e a graça de que me perdoasse tudo o que de mal havia feito, e às vezes chegava a dizer-Lhe que estaria feliz quando de sua própria boca me dissesse: “Perdoo-te todos os teus pecados”. E Jesus bendito, que nada sabe negar quando é para nosso bem, uma manhã se fez ver e me disse:

(13) “Desta vez quero fazer Eu mesmo o ofício de confessor, e tu confessarás a Mim todas as tuas culpas, e no momento em que fizeres isso, te farei compreender uma por uma as dores que deste a meu Coração ao ofender-Me, a fim de que compreendendo tu, por quanto pode uma criatura, que coisa é o pecado, tomes a resolução de preferir morrer que ofender-Me. Enquanto isso, tu entras em teu nada e recitas o ‘eu pecador’ ”.

(14) Eu, entrando em mim mesma, percebia toda minha miséria e minhas maldades e diante de Sua presença tremia toda, e me faltava a força de pronunciar as palavras do ‘eu pecador’, e se o Senhor não houvesse infundido em mim nova força, dizendo-me: “Não temas, se sou juiz, sou também Teu Pai, ânimo, sigamos adiante”, ali haveria permanecido sem dizer nem sequer uma palavra. Então disse o ‘eu pecador’ toda cheia de confusão e de humilhação, e como me via toda coberta por minhas culpas, dando uma olhada descobri que a culpa que mais havia ofendido a Nosso Senhor era a soberba, e por isso disse: “Senhor, me acuso ante a Tua presença de que pequei por soberba”. E Ele:

(15) “Aproxima-te a Meu Coração e põe teu ouvido, e ouvirás a dilaceração cruel que fizeste a Meu Coração com este pecado”.

(16) Toda tremendo pus meu ouvido sobre Seu Coração adorável, mas quem pode dizer o que ouvi e compreendi naquele instante? Mas depois de tanto tempo direi só alguma coisa confusamente. Recordo que Seu Coração batia tão forte, que parecia que queria romper-Lhe o peito. Logo me parecia que se despedaçava e pela dor ficava quase destruído. Ah, se pudesse, haveria destruído o Ser Divino com a soberba! Ponho uma semelhança para fazer-me entender, de outra maneira não tenho palavras para expressar-me. Imagine um rei e a seus pés um verme, que elevando-se e inflando-se começa a crer ser alguma coisa e que chega a tal atrevimento, que elevando-se pouco a pouco, chega à cabeça do rei e lhe quer tirar a coroa para pô-la sobre sua cabeça. Logo o despoja de suas vestes reais, o lança do trono e finalmente trata de matá-lo. Mas o pior deste verme é que ele mesmo não conhece seu próprio ser, engana a si mesmo,

pois para desfazer-se dele só se necessita que o rei o ponha debaixo dos pés e o esmague, e assim terminariam seus dias. Isso causa raiva e compaixão, e ao mesmo tempo ridiculariza o orgulho deste verme, se isso pudesse acontecer. Assim me via eu diante de Deus, o que me encheu de tal confusão e dor que senti renovar em meu coração a dilaceração que sofria o bendito Jesus.

(17) Depois disso me deixou, e eu sentia tal pena e compreendia que tão feio é este pecado de soberba, que é impossível descrevê-lo. Quando ruminei muito bem tudo isso comigo mesma, meu bom Jesus regressou e me disse para continuar a confissão de minhas culpas. E eu tremendo toda, segui acusando-me de pensamentos, palavras, atos, causas e omissões, e quando via que eu não podia seguir fazendo a confissão pela pena que sentia de havê-lo ofendido tanto, porque tinha uma claridade tão viva diante daquele Sol Divino, especialmente porque n'Ele descobria a pequenez, a nulidade de meu ser e ficava assombrada de como havia tido eu tanta ousadia, de onde havia tomado eu essa coragem de ofender a um Deus tão bom, que no ato mesmo em que O ofendia, Ele me assistia, me preservava, me alimentava, e se tinha algum rancor comigo, era para o pecado que eu fazia, e que o odiava sumamente, porque a mim amava imensamente, me desculpava ante a Divina Justiça, e se ocupava todo para tirar aquele muro de divisão que havia produzido o pecado entre a alma e Deus. Oh, se todos pudessem ver quem é Deus, e quem é a alma no momento em que se peca, todos morreriam de dor e creio que o pecado seria exilado da Terra!

(18) Então, quando Jesus bendito via que pela pena não podia mais, retirava-se e me deixava para que compreendesse muito bem o mal que havia feito, e depois regressava de novo e eu continuava acusando minhas culpas.

(19) Mas quem pode dizer tudo o que compreendi, e explicar uma por uma as diversas afrontas e as dores especiais que com minhas culpas havia ocasionado a Nosso Senhor? Sinto-me quase impossibilitada para explicar-me e também porque não o recordo muito bem. Quando terminei minha acusação, que durou cerca de sete horas, o amável Jesus tomou o aspecto de Pai amorosíssimo, e como eu me encontrava esgotada de forças pela dor, e muito mais porque via que não era uma dor suficiente para doer-me como convinha a minhas culpas, Ele para me animar disse-me:

(20) “Quero suprir Eu por ti, e aplico à tua alma o mérito da dor que tive no horto do Getsêmani. Só isso pode satisfazer a Divina Justiça”.

(21) Depois que aplicou à minha alma Sua dor, então me pareceu estar disposta para receber a absolvição. Toda humilhada e confusa como estava, e prostrada aos pés do bom Pai Jesus, com os raios que enviava à minha mente, tratava de me estimular mais à dor dizendo, se bem não recordo tudo: “Grande, sumo foi o mal que fiz a Ti. Estas minhas potências e estes sentidos do corpo deviam ter sido tantas línguas para louvar-Te, ah, em troca têm sido como tantas víboras venenosas que te mordiam e buscavam até mesmo Te matar. Mas, Pai Santo, perdoa-me, não queiras afastar-me de Ti pelo grande mal que te fiz pecando”.

(22) E Jesus: “E tu, prometes não pecar mais e afastar de teu coração qualquer sombra de mal que pudesse ofender a teu Criador?”.

(23) E eu: “Ah sim, com todo o coração Te prometo. Antes quero morrer mil vezes que voltar a pecar, nunca mais, nunca mais”.

(24) E Jesus: “E Eu te perdoo e aplico à tua alma os méritos de Minha Paixão e quero lavá-la em Meu Sangue”.

(25) E enquanto isso dizia, levantou Sua bendita mão direita e pronunciou as palavras da absolvição, exatas às palavras que diz o sacerdote quando dá a absolvição. E no ato em que isso fazia, de Sua mão corria um rio de Sangue, e minha alma ficava toda inundada por Ele.

(26) Depois disso me disse: “Vem, ó filha, vem fazer penitência por teus pecados, beijando Minhas Chagas”.

(27) Toda tremendo me levantei e Lhe beijei Suas Sacratíssimas Chagas, e depois me disse:

(28) “Minha filha, sê mais atenta e vigilante, porque hoje te dou a graça de não cair mais no pecado venial voluntário”.

(29) Depois me fez outras exortações que não recordo bem e desapareceu. Quem pode dizer os efeitos desta confissão feita a Nosso Senhor? Sentia-me toda encharcada na graça, e me ficou tão gravada que não posso esquecê-la. E cada vez que me lembro, sinto correr um arrepio nos ossos, e ao mesmo tempo sinto horror ao pensar qual é minha correspondência a tantas graças que o Senhor me fez.

(30) Outras vezes o Senhor se há dignado a dar-me Ele mesmo a absolvição, às vezes tomando o aspecto de sacerdote, e eu me confessava como se fosse o sacerdote, se bem que sentia efeitos diferentes, e depois de terminada se fazia conhecer que

era Jesus. E às vezes abertamente vinha, fazendo-se conhecer que era Jesus. Algumas vezes tomava o aspecto do confessor, tanto que eu acreditava que falava com o confessor e lhe dizia todos os meus temores, minhas dúvidas. Mas pelo modo de responder-me, pela suavidade da voz, intercalada ora com a voz do confessor e ora com a de Jesus, por seu trato amável e pelos efeitos internos, eu descobria quem era. Ah, se eu quisesse dizer tudo sobre essas coisas, me estenderia demasiado! Por isso termino e ponho ponto.

(31) Recordo que houve uma segunda guerra entre África e Itália, e o bendito Jesus, um dia, cerca de nove meses antes, me transportou fora de mim mesma e me fez ver um caminho muito longo, cheio de cadáveres humanos imersos no sangue que a rios inundava esse caminho. Dava horror ver esses cadáveres expostos ao ar livre, sem ter nem sequer quem os sepultasse! Eu toda assustada disse a Nosso Senhor: “O que é isto?”.

(32) E Ele: “No ano que vem haverá guerra. Servem-se da carne para ofender-me, e Eu sobre sua carne quero fazer minha justa vingança”.

(33) Disse outras coisas, mas passou tanto tempo que não as recordo.

(34) Ora, aconteceu que, após esse período de tempo, começou-se a ouvir que entre Itália e África havia guerra. Eu rogava ao bom Jesus que poupasse tantas vítimas e que tivesse piedade de tantas almas que iam para o inferno.

(35) Uma manhã, segundo o costume, transportou-me fora de mim mesma e via que quase todas as pessoas estavam convencidas de que a Itália deveria vencer. Pareceu-me que eu me encontrava em Roma, e via aos deputados que estavam em conselho entre eles sobre o modo como deviam conduzir a guerra, para estarem seguros de fazer vencer a Itália. Estavam tão inflados deles mesmos, que davam piedade, mas o que mais me impressionou foi ver que estes tais, quase todos eram sectários, almas vendidas ao demônio. Que tristes tempos! Parecia que propriamente reinava o reino satânico, e sua confiança, em vez de pô-la em Deus, a punham no demônio. Ora, enquanto estavam deliberando, meu bendito Jesus me disse:

(36) “Vamos ouvir o que dizem”.

(37) Então me pareceu entrar em seu círculo junto com Jesus. Jesus passeava no meio deles e derramava lágrimas sobre seu miserável estado. Quando terminaram de deliberar sobre o modo como deviam fazer, vangloriando-se de estar seguros da vitória, Jesus se dirigiu a eles e lhes disse ameaçando-lhes:

(38) “Confiais em vós mesmos e por isso os humilharei, esta vez perderá a Itália”.

Término da novena do Natal. As 7 meditações restantes da novena do Natal.

(39) Agora, para obedecer, regresso a dizer o que deixei na página 6 deste primeiro volume, isto é, a novena do Natal, em que da segunda meditação passava à terceira e uma voz interior me dizia:

(40) 3º- “Minha filha, apoia tua cabeça sobre o seio de minha Mamãe, olha dentro dele a minha pequena Humanidade. Meu Amor me devorava, os incêndios, os oceanos, os mares imensos do Amor de minha Divindade me inundavam, me incineravam, levantavam tão alto suas chamas, que se elevavam e se estendiam por todas as partes, a todas as gerações, desde o primeiro até o último homem, e minha pequena Humanidade era devorada no meio de tantas chamas. Mas sabes tu que coisa queria me fazer devorar meu Eterno Amor? Ah, as almas! E só fiquei contente quando as devorei todas, ficando todas concebidas Comigo. Era Deus, devia atuar como Deus, devia tomá-las todas. Meu Amor não me teria dado paz se houvesse excluído alguma. Ah minha filha, olha bem no seio de minha Mamãe, fixa bem os olhos em minha Humanidade recém concebida e nela encontrarás tua alma concebida Comigo, e também as chamas de Meu Amor que te devoraram. Oh, quanto te amei e te amo!”.

(41) Eu me perdia em meio a tanto amor, não sabia sair dali, mas uma voz me chamava forte dizendo-me:

(42) “Minha filha, isso é nada ainda, estreita-te mais a Mim, dá tuas mãos à minha amada Mamãe, a fim de que te tenha estreitada sobre seu seio materno, e tu dás outra olhada na minha pequena Humanidade concebida e olha o quarto excesso de meu Amor”.

(43) 4º- “Minha filha, do Amor devorante passa a olhar o Amor operante. Cada alma concebida me levou o fardo de seus pecados, de suas debilidades e paixões, e meu Amor me ordenou a tomar o fardo de cada uma, e não só concebi as almas, mas as penas de cada uma, as satisfações que cada uma delas devia dar a Meu Celestial Pai. Assim que minha Paixão foi concebida junto Comigo. Olha-me bem no seio de Minha Celestial Mamãe. Oh, como minha pequena Humanidade era dilacerada! Olha bem

como Minha pequena cabecinha está circundada por uma coroa de espinhos, que cingindo-me forte as têmeoras me faz derramar rios de lágrimas dos olhos, e não posso mover-me para secá-las. Ah, move-te de compaixão por Mim, seca-Me os olhos de tanto pranto, tu que tens os braços livres para poder fazê-lo. Estes espinhos são a coroa de tantos pensamentos maus que se amontoam nas mentes humanas. Oh, como Me espetam mais esses pensamentos do que os espinhos que produz a terra. Mas olha que longa crucifixão de nove meses, não podia mover nem um dedo, nem uma mão, nem um pé, estava aqui sempre imóvel, não havia lugar para poder Me mover um pouquinho. Que longa e dura crucifixão! Com o acréscimo de que todas as obras más, tomando forma de pregos, transpassavam-me mãos e pés repetidamente”. E assim continuava narrando-me pena por pena todos os martírios de Sua pequena Humanidade, que querer dizê-las todas seria demasiado extenso. Então eu me abandonava ao pranto, e ouvia dizer em meu interior:

(44) “Minha filha, quisera abraçar-te, mas não posso fazer, não há espaço, estou imóvel, não o posso fazer. Quisera ir a ti, mas não posso caminhar. Por ora abraça-Me e vem tu a Mim, depois quando sair do seio materno irei Eu a ti”.

(45) Mas enquanto com minha imaginação O abraçava, O estreitava fortemente a meu coração, uma voz interior me dizia:

(46) “Basta por ora minha filha, e passa a considerar o quinto excesso de meu Amor”.

(47) 5º-Então a voz interior seguia: “Minha filha, não te afastes de Mim, não Me deixes só, Meu Amor quer companhia, este é outro excesso de Meu Amor, o não querer estar só. Mas sabes tu de quem quer esta companhia? Da criatura. Olha, no seio de Minha Mamãe, Comigo estão todas as criaturas concebidas junto Comigo. Eu estou com elas todo amor, quero dizer-lhes quanto as amo, quero falar com elas para dizer-lhes Minhas alegrias e Minhas dores, para dizer-lhes que vim ao meio delas para fazê-las felizes, para consolá-las, e que estarei no meio delas como seu Irmãozinho, dando a cada uma todos os Meus bens, Meu Reino, à custa de Minha morte. Quero dar-lhes Meus beijos, Minhas carícias. Quero entreter-me com elas, mas ai, quantas dores Me dão; quem Me foge, quem se faz de surdo e Me reduz ao silêncio, quem despreza Meus bens e não se preocupam de Meu Reino e correspondem Meus beijos e carícias com o descuido e o esquecimento de Mim, e Meu entretenimento o convertem em amargo pranto. Oh, como estou só, apesar de estar no meio de tantos! Oh, como Me pesa Minha solidão! Não tenho a quem dizer

uma palavra, com quem fazer um desabafo de amor. Estou sempre triste e taciturno, porque se falo não sou escutado. Ah, minha filha, te peço, te suplico que não Me deixes só em tanta solidão! Dá-Me o bem de deixar-Me falar escutando-Me. Presta ouvidos a Meus ensinamentos, Eu sou o Mestre dos mestres! Quantas coisas quero te ensinar. Se Me escutas, Me farás deixar de chorar e Me entreterei contigo. Não queres tu entreter-te Comigo?”. E enquanto me abandonava n’Ele, compadecendo-me de Sua solidão, a voz interior continuava:

(48) “Basta, basta, passa a considerar o 6º excesso de Meu Amor”.

(49) 6º- “Minha filha, vem, roga à Minha amada Mamãe que te faça um lugarzinho em seu seio materno, a fim de que tu mesma vejas o estado doloroso no qual Me encontro”.

(50) Então me parecia com o pensamento que Nossa Rainha Mamãe, para contentar a Jesus me fazia um pequeno lugar e me punha dentro. Mas era tal e tanta a escuridão, que não O via, só ouvia Sua respiração e Ele em meu interior seguia dizendo-me:

(51) “Minha filha, olha outro excesso de Meu Amor. Eu sou a luz eterna, o Sol é uma sombra de Minha luz, mas vê onde Me há conduzido Meu Amor, em que escura prisão estou, não há nenhum raio de luz, sempre é noite para Mim, mas noite sem estrelas, sem repouso, sempre desperto, que pena! A estreiteza da prisão, sem poder Me mover minimamente, as densas trevas. Até a respiração, respiro por meio da respiração de Minha Mamãe. Oh, como é estreito! E além disso, acrescenta as trevas das culpas das criaturas, cada culpa era uma noite para Mim, as quais unindo-se, juntas formavam um abismo de escuridão sem confins. Que pena! Oh, excesso de Meu Amor, fazer-Me passar de uma imensidão de luz, de amplitude, a uma profundidade de densas trevas e de tais estreitezas, até faltar-Me a liberdade da respiração, e isso tudo por amor das criaturas!”.

(52) E enquanto isso dizia gemia, quase com gemidos sufocados por falta de espaço, e chorava. Eu me desfazia em pranto, Lhe agradecia, compadecia-me d’Ele, queria fazer-Lhe um pouco de luz com meu amor, como Ele me dizia, mas quem pode dizer tudo? A mesma voz interna acrescentava:

(53) “Basta por agora. Passa ao sétimo excesso de Meu Amor”.

(54) 7º- A voz interior continuava: “Minha filha, não Me deixes só em tanta solidão e em tanta escuridão, não saias do seio de Minha Mamãe para que vejas o sétimo excesso de Meu Amor. Escuta-Me, no seio de Meu Pai Celestial, Eu era plenamente feliz, não havia bem que não possuísse, alegria, felicidade, tudo estava

à Minha disposição. Os anjos reverentes Me adoravam e estavam às Minhas ordens. Ah, o excesso de Meu Amor, poderia dizer que Me fez trocar de fortuna, restringiu-Me nesta prisão sombria, despojou-Me de todas as Minhas alegrias, felicidade e bens, para vestir-Me com todas as infelicidades das criaturas, e tudo isso para fazer a troca, para dar a elas Minha fortuna, Minhas alegrias e Minha felicidade eterna. Mas isso havia sido nada se não houvesse encontrado nelas suma ingratidão e obstinada perfídia. Oh, como Meu Amor eterno ficou surpreendido diante de tanta ingratidão e chorou a obstinação e perfídia do homem. A ingratidão foi o espinho mais afiado que Me transpassou o Coração, desde Minha concepção até o último instante de Minha Vida, até Minha morte. Olha Meu Coraçãozinho, está ferido e goteja sangue. Que pena! Que dor sinto! Minha filha, não sejas ingrata, a ingratidão é a pena mais dura para Teu Jesus, é fechar-Me na cara as portas para deixar-Me fora, paralisado de frio. Mas diante de tanta ingratidão Meu Amor não se deteve e se pôs em atitude de Amor suplicante, orante, gemente e mendicante, e esse é o oitavo excesso de Meu Amor”.

(55) 8º- “Minha filha, não Me deixes só, apoia tua cabeça sobre o seio de Minha amada Mamãe, porque também de fora ouvirás Meus gemidos, Minhas súplicas, e vendo que nem Meus gemidos nem Minhas súplicas movem a criatura à compaixão de Meu Amor, ponho-Me em atitude do mais pobre dos mendigos, e estendendo Minha pequena mãozinha, peço por piedade, ao menos a título de esmola suas almas, seus afetos e seus corações. Meu Amor queria vencer a qualquer custo o coração do homem, e vendo que depois de sete excessos de Meu Amor, permanecia relutante, fazia-se de surdo, não se ocupava de Mim, nem se queria dar a Mim, Meu Amor quis ir mais além, deveria ter-se detido, mas não, quis sair além de Seus limites, e desde o seio de Minha Mamãe, Eu fazia chegar Minha voz a cada coração com os modos mais insinuantes, com as orações mais fervorosas, com as palavras mais penetrantes. Mas sabes o que Eu dizia? “Meu filho, dá-Me teu coração, tudo o que quiseses Eu te darei, contanto que Me dêes em troca teu coração. Desci do Céu para tomá-lo, ah, não o negues a Mim! Não decepções Minhas esperanças!”. E vendo-lhe relutante, e que muitos Me viravam as costas, passei a gemer, juntava Minhas pequenas mãozinhas e chorando, com voz sufocada pelos soluços lhe acrescentava: “Ai, ai, sou o pequeno mendigo, nem sequer de esmola queres dar-Me teu coração? Não é este um excesso maior de Meu Amor, que o Criador para aproximar-se da criatura tome a forma de um pequeno Menino,

para não infundir-lhe temor, e peça ao menos como esmola o coração da criatura, e vendo que ela não o quer dar, roga, geme e chora?”.

(56) Depois me dizia: “E tu não queres dar-Me teu coração? Talvez tu também queiras que Eu gema, rogue e chore para que Me dês teu coração? Queres negar-Me a esmola que te peço?”.

(57) E enquanto isso dizia, ouvia como se soluçasse, e eu Lhe disse: “Meu Jesus, não chores, dou a Ti meu coração e toda a mim mesma”. Então a voz interna continuava: “Segue mais adiante, e passa ao nono excesso de Meu Amor”.

(58) 9º- “Minha filha, Meu estado é sempre mais doloroso. Se Me amas, fixa teu olhar em Mim, para que vejas se podes dar ao Teu pequeno Jesus algum consolo, uma palavrinha de amor, uma carícia, um beijo, que dê trégua a Meu pranto e a Minhas aflições. Escuta minha filha, depois de haver dado oito excessos de Meu Amor, e que o homem tão mal Me correspondeu, Meu Amor não se deu por vencido, e ao oitavo excesso quis acrescentar o nono, e este foram as ânsias, os suspiros de fogo, as chamas dos desejos de sair do seio materno para abraçar ao homem. E isso reduzia a Minha pequena Humanidade ainda não nascida, a uma agonia tal que estava a ponto de dar Meu último suspiro. E enquanto estava prestes a dá-lo, Minha Divindade, que era inseparável de Mim, dava-Me sorvos de vida, e assim retomava a vida, para continuar Minha agonia e voltar a morrer novamente. Este foi o nono excesso de Meu Amor, agonizar e morrer continuamente de amor pela criatura. Oh, que longa agonia de nove meses! Oh, como o amor Me sufocava e Me fazia morrer! E se não tivesse a Divindade Comigo, que Me dava continuamente a vida cada vez que estava por morrer, o amor Me teria consumido antes de sair à luz do dia”. Depois acrescentava:

(59) “Olha para Mim, escuta como agonizo, como Meu pequeno Coração bate, se esforça, queima. Olha para Mim, agora morro”.

(60) E fazia um profundo silêncio. Eu me sentia morrer, gelava-me o sangue nas veias e tremendo Lhe dizia: “Meu Amor, Minha Vida, não morras, não me deixes só. Tu queres amor e eu Te amarei, não Te deixarei mais, dá-me Tuas chamas para poder Te amar mais e me consumir toda por Ti”.

Nihil obstat Canônico

Annibal M. Di Francia

Eccl.

Imprimatur

Arcebispo Giuseppe M. Leo

Outubro de 1926



www.terceirofiat.com